

Isabel Teixeira Nascimento

ORGANIZAÇÃO TEMPORAL NA LOCUÇÃO DO TELEJORNALISTA

Belo Horizonte

Faculdade de Letras da UFMG

2008

Isabel Teixeira Nascimento

ORGANIZAÇÃO TEMPORAL NA LOCUÇÃO DO TELEJORNALISTA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Lingüística

Linha de pesquisa: Organização Sonora da Comunicação Humana

Orientador: Prof. Dr. César Augusto da Conceição Reis

Co-orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Cristina Côrtes Gama

Belo Horizonte

Faculdade de Letras da UFMG

2008

Nascimento, Isabel Teixeira.

Organização temporal na locução do telejornalista/ Isabel Teixeira Nascimento.

115 p.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras – Belo Horizonte, 2008.

Orientador: César Augusto da Conceição Reis

Co-orientador: Ana Cristina Côrtes Gama

1-Telejornalismo, 2 -Organização temporal, 3- Prosódia,
4- Velocidade de fala, 5- Pausas.

Dissertação defendida por ISABEL TEIXEIRA NASCIMENTO, em 06/08/2008 e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos professores Doutores relacionados:

César Augusto da Conceição Reis – UFMG
Orientador

Ana Cristina Côrtes Gama - UFMG
Co-Orientadora

Luciana Mendonça Alves – Izabela Hendrix

José Olímpio Magalhães - UFMG

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por conduzir e iluminar minha vida.

Aos meus pais Ângela e Alberto que por mim tudo fizeram e tudo fazem, por serem grandes incentivadores dos meus sonhos.

A minha irmã Dedéia pelo apoio, incentivo e torcida constantes.

Ao Flávio, pela presença e incentivo, por encher minha vida de amor.

A minha família por entenderem meus períodos de ausência, em especial à minha avó 'nenem'.

Obrigada pelas orações!

Ao meu orientador Prof. Dr. César Reis, por apoiar a Fonoaudiologia, pelo carinho em ensinar, pela confiança que depositou em mim.

A minha co-orientadora Prof^a. Dr^a. Ana Cristina Côrtes Gama, pelo exemplo de profissional, por despertar ainda mais em mim o desejo de continuar estudando.

A Prof^a. Letícia Caldas Teixeira, por me auxiliar na gravação dos dados, por sempre me apoiar, pela amizade.

Aos professores doutores Luciana Mendonça Alves e José Olímpio Magalhães, por participarem de minha banca.

Às amigas 'cesaretas' Érica Teixeira, Juliana Preisser, Letícia Celeste e Lidiane Coelho, pelo apoio, pelos momentos de estudo, pelos momentos de diversão.

Aos amigos do Labfon: Ceriz, Renata, Horácio, Adriana, Leandra, Flaviana, Vanessa, Camila, Bernadete, Karine, Érica, Aline pelo convívio e carinho.

Aos estagiários do Labfon: Andréia, Cândido, Maria, Janaína, Lígia, Carol, Anaíde e Vanessa, pela boa vontade sempre presente.

A todos os informantes da pesquisa, em especial às alunas do mestrado, que com tanta disponibilidade e boa vontade participaram desta pesquisa.

Ao Leandro pelo tratamento estatístico dos dados, pela disponibilidade e paciência

Ao CNPQ por ter financiado parte desta pesquisa.

A todos que contribuíram de alguma forma para a realização deste trabalho.

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo estudar a organização temporal da locução de *off's* de notícias factuais realizadas por telejornalistas, mais especificamente a velocidade de fala, pausas, e seqüências sonoras. Para isso contamos com um *corpus* de 18 *off's*, realizados por oito telejornalistas e por oito indivíduos não telejornalistas. Para a análise da organização temporal, estudamos os seguintes parâmetros: tempo de elocução (TE) e de articulação (TA), taxas de elocução (TXE) e de articulação (TXA) número (NP) e duração média das pausas (DMP), número de sílabas (NS), duração média de seqüências sonoras (DMSS) e número de seqüências sonoras (NSS). Todos os dados obtidos foram gravados em cabina acústica, analisados acusticamente no programa *Praat* 4.4.07 e estatisticamente no programa Microsoft Excel® na versão 2000 e Minitab 15.

A partir da análise dos dados, observamos que os telejornalistas apresentam maiores tempo de articulação e de elocução, menor velocidade de fala, uma tendência em possuir maior número de seqüências sonoras e menor duração média de seqüências sonoras. Quanto às pausas, verificamos que os telejornalistas apresentaram maior número de pausas com menor duração média. Observamos também um maior número de pausas localizadas dentro de sentenças e um número maior de pausas de tamanho médio.

Os resultados apontam para uma leitura jornalística segmentada, com mais pausas, com velocidade de fala menor para melhor articulação dos sons. Tudo isso, com o objetivo de associar a locução à imagem e obter a atenção e compreensão do telespectador.

ABSTRACT

The aim of this research was to study the speech temporal organization of *off's* in factual news read by newsreaders, more specifically the speech rate, pauses and sound sequences. The *corpus* is comprised of 18 *off's* delivered by eight newsreaders and by eight non-professionals.

To analyze the temporal organization the following parameters were studied: speech time, articulation time, speech rate, articulation rate, number and mean duration of pauses, number of syllables, mean duration of sound sequences and number of sound sequences. The data were recorded in a sound proof cabin. They were acoustically analyzed using the software *Praat* 4.4.07 and statistically analyzed using the software Microsoft Excel® 2000 and Minitab 15.

From the data analysis it was observed that newsreaders present longer speech and articulation time and shorter speech rate. They also tend to have more sound sequences and less mean duration of sound sequences. As to the pauses it was verified that the newsreaders showed more pauses with short mean duration. It was also observed a greater number of pauses placed in the sentences and average size pauses as well.

The results indicate a segmented newsreading with more pauses and a lower speech rate to better articulate the sounds. The aim is to associate the reading to the image and to get the viewer's attention and comprehension.

LISTA DE ABREVIATURAS

DMP - Duração média das pausas

DMSS - Duração média das seqüências sonoras

GC – Grupo controle

GE – Grupo experimental

NP - Número de pausas

NSS - Número de seqüências sonoras

TA - Tempo de articulação

TE - Tempo de elocução

TXA - Taxa de articulação

TXE - Taxa de elocução

NS - Número de sílabas

síl/s – Sílabas por segundo

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Dimensões da prosódia.....	24
FIGURA 2: Variáveis temporais.....	26
FIGURA 3: Distribuição de <i>off's</i> e subdivisões analisadas.....	51
FIGURA 4: Sinal sonoro, espectrograma, e marcação do tempo de silêncio da oclusiva não vozeada /k/ na grade de texto.....	53
FIGURA 5: Sinal sonoro, espectrograma, e marcação de pausa precedente à oclusiva não vozeada /p/ na grade de texto.....	53

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: Variação entre os <i>off's</i> do GC e GE para a taxa de elocução.....	65
GRÁFICO 2: Variação da taxa de elocução para cada <i>off's</i> do GC.....	66
GRÁFICO 3: Variação da taxa de elocução para cada <i>off's</i> do GE.....	67
GRÁFICO 4: Variação da taxa de articulação para cada <i>off's</i> do GC.....	67
GRÁFICO 5: Variação da taxa de articulação para cada <i>off's</i> do GE.....	68
GRÁFICO 6: Representação da duração das pausas, em segundos, para o GC e o GE.....	76
GRÁFICO 7: Representação da interação das pausas entre GC e GE.....	77
GRÁFICO 8: Tipo e média de pausas, em segundos, encontradas em no GC e no GE.....	77
GRÁFICO 9: Tipo e média de pausas, em segundos, por <i>off</i> encontradas no GC.....	78
GRÁFICO 10: Tipo e média de pausas, em segundos, por <i>off</i> encontradas no GE.....	78
GRÁFICO 11: Correlação entre o número de pausas e duração média de seqüência sonoras para o grupo controle e para o grupo experimental.....	80
GRÁFICO 12: Variação entre os <i>off's</i> do GC e GE para o número de seqüências sonoras.....	82
GRÁFICO 13: Correlação entre o número de seqüências sonoras e a duração média de seqüências sonoras nos dois grupos.....	84

GRÁFICO 14: Variação entre os <i>off's</i> do GE para a variável duração de pausa em fim de sentença.....	85
GRÁFICO 15: Variação entre os <i>off's</i> do GC para a variável duração de pausa em fim de sentença.....	86
GRÁFICO 16: Variação entre os <i>off's</i> do GE para a variável duração de pausa dentro de sentença.....	87
GRÁFICO 17: Variação entre os <i>off's</i> do GC para a variável duração de pausa dentro de sentença.....	88

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Valores de tempo de articulação e tempo de elocução, em segundos, para os <i>off's</i> no grupo controle e grupo experimental.....	58
TABELA 2: Valores de taxa de articulação e taxa de elocução, em sílabas por segundo, para os <i>off's</i> no grupo controle e no grupo experimental.....	59
TABELA 3: Média em segundos dos tempos de articulação e elocução para GC e GE.....	59
TABELA 4: Média, mínimo e máximo, em sílabas por segundo, das taxas de articulação para o GC e GE.....	60
TABELA 5: Média, mínimo e máximo, em sílabas por segundo, das taxas de elocução para o grupo controle e grupo experimental	60
TABELA 6: Mediana e valor de significância da diferença entre as variáveis NS, TA, TE, TXA e TXE dos grupos GC e GE.....	62
TABELA 7: Sílabas fonéticas possíveis e realizadas para o GC e GE.....	63
TABELA 8: Comparação entre as diferenças das variáveis NS, TA, TE, TXA e TXE nos <i>off's</i> do grupo controle e do grupo experimental.....	64
TABELA 9: Duração e número de pausas, em segundos, para cada <i>off</i> no GC e GE.....	70
TABELA 10: Média, mínimo e máximo para duração de pausas no GC e GE.....	70

TABELA 11: Número e porcentagem de pausas dentro e em fim de sentenças para cada grupo.....	72
TABELA 12: Número e porcentagem de pausas dentro e em fim de sentenças para o GC e GE e total de pausas da amostra.....	73
TABELA 13: Comparação de mediana (em segundos) e nível de significância dos tipos de pausa no GC e GE.....	74
TABELA 14: Número e porcentagem de pausas breves, médias e longas por <i>off</i> e por grupo.....	79
TABELA 15: Mediana e valor de significância da diferença entre as variáveis DMP, DMSS NP e NSS dos grupos GC e GE.....	80
TABELA 16: Desvio padrão e nível de significância do GC e GE na variável DMP.....	81
TABELA 17: Comparação entre as diferenças das variáveis DMP, DMSS, NP e NSS nos <i>off's</i> do GC e GE.....	81
TABELA 18: Duração média de seqüências sonoras, em segundos, e número de seqüências sonoras para GC e GE.....	83

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	17
1.1 Objetivo.....	19
1.2 Hipóteses.....	20
1.3 Justificativa.....	20
2. TELEJORNALISMO.....	21
2.1 O <i>off</i>	23
3. PROSÓDIA.....	24
3.1 Organização temporal.....	26
3.3.1 Duração.....	28
3.3.2 Pausa.....	29
3.3.3 Velocidade de fala.....	37
4. LEITURA.....	42
4.1 A leitura do texto jornalístico.....	43
5. METODOLOGIA.....	46
5.1 Informantes.....	46
5.2 <i>Corpus</i>	48
5.3 Coleta de dados.....	48
5.4 Critérios de análise.....	51
5.4.1 Velocidade de fala.....	51
5.4.2 Número de sílabas.....	52

5.4.3 Pausas.....	52
5.5 Análise estatística	55
6. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	57
6.1 Velocidade de fala.....	58
6.2 Pausas e seqüências sonoras.....	70
7 .CONCLUSÃO.....	90
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	93
ANEXOS.....	101
APÊNDICES.....	108

1. INTRODUÇÃO

Em vista do alcance e da importância que a televisão tem nos dias atuais, como fonte de informações e entretenimento, a busca de aperfeiçoamento pelos profissionais que trabalham nesse veículo da comunicação é cada vez maior. Entre eles, temos os telejornalistas que desempenham o papel importante de transmitir informações das mais diversas aos telespectadores.

A escolha desses profissionais aconteceu em virtude da grande importância que o telejornalismo tem na transmissão de informações diárias para uma ampla camada da população e pelo fato de eles serem “profissionais da voz”, ou seja, indivíduos que utilizam a voz e seus recursos prosódicos como uma ferramenta de trabalho. Conforme apontam Mitchell (1994) e Sataloff *et al* (1994), profissional da voz é aquele que depende da comunicação oral, utilizando a voz de maneira contínua para exercer sua atividade profissional como radialistas, atores, repórteres, cantores, professores, entre outros. Kyrillos (1998) afirma que a preocupação do desempenho (para o telejornalista) é uma constante, sendo que a voz e a imagem situam-se como pontos fundamentais. Acredita-se, segundo a autora, que as seguintes qualidades são fundamentais: clareza articulatória, boa modulação, tom agradável (nem muito grave, nem muito agudo) e velocidade média de fala.

Para a atuação profissional junto a esses profissionais, o fonoaudiólogo encontra a necessidade de conhecer a prosódia sob o olhar lingüístico. Assim, dentro das possibilidades lingüísticas da prosódia, a organização temporal foi o tema escolhido para esta pesquisa. Na abordagem da organização temporal, priorizou-se por estudar os aspectos de velocidade de fala e pausas na locução do telejornalista.

Segundo Passos *et al*, (1979), as variações de velocidade de fala podem estar condicionadas por fatores como: envolvimento com o falante e/ou com o tema; grau de formalidade e atenção dispensada à fala. Para Duez (1991), as pausas constituem um elemento fundamental na estruturação temporal da fala, pois correspondem ao tempo marcado pelo acesso à informação lexical, por uma hesitação, pela organização da estrutura do enunciado e também pela expressão das idéias. Assim, as pausas possuem um papel fundamental na percepção das unidades lingüísticas e na interpretação das situações.

Diante da importância do fenômeno da organização temporal, é bastante relevante desenvolver estudos que analisem seus usos no telejornalismo. Trata-se, afinal, de um assunto pouco investigado na área da lingüística e que pode fornecer dados importantes tanto para o trabalho lingüístico quanto para o fonoaudiológico com os profissionais da voz. Com isso, este estudo pretende contribuir para uma maior compreensão das características e necessidades específicas dos telejornalistas no desenvolvimento de sua atividade profissional, visto que é importante conhecer os diversos usos e recursos da comunicação para saber analisar e orientar esses profissionais.

Essa dissertação está estruturada em sete capítulos. O primeiro refere-se à introdução; o segundo é referente ao telejornalismo; o terceiro enfoca a revisão de literatura sobre a prosódia e a organização temporal; o quarto sobre a leitura e em especial do texto telejornalístico; o quinto aborda a metodologia adotada; o sexto apresenta os resultados e discussões; e no sétimo, as conclusões.

Assim, procuramos trazer contribuições para a atividade profissional a ser realizada com o telejornalista, bem como para estudos posteriores.

1.1 Objetivo

Objetivo geral:

Obter melhor compreensão da prosódia, (especificamente da organização temporal) no português brasileiro durante a locução telejornalística. Para isso, estudaremos o fenômeno prosódico de pausas e velocidade de fala na locução telejornalística sempre em comparação ao grupo controle, composto de informantes não-telejornalistas.

Objetivos específicos:

Identificar:

- a velocidade de fala dos telejornalistas por meio das taxas de elocução e articulação;
- a duração média de seqüências sonoras;
- o número e a duração média das pausas;
- a localização das pausas;
- e relacionar a duração média de pausas com a localização sintática;

1.2 Hipóteses

Acredita-se que a locução telejornalística apresentará marcações prosódicas diferentes da leitura em voz alta realizada pelos informantes do grupo controle. Os telejornalistas apresentarão um estilo prosódico particular. Assim as hipóteses levantadas foram:

- Os telejornalistas apresentam velocidade de fala menor;
- As seqüências sonoras têm maior duração na locução do telejornalista;
- Os telejornalistas apresentam pausas menores e em maior número e maior número de pausas em interior de sentenças;
- As pausas que acontecem em fim de sentença apresentam maior duração média.

1.3 Justificativa

A partir da observação da locução de telejornalistas observou-se um comportamento prosódico específico para a leitura de textos. Este trabalho se propõe conhecer os aspectos prosódicos que caracterizam a locução do telejornalista durante a locução de uma notícia factual a fim de auxiliar esses profissionais da voz no aperfeiçoamento de sua fala, bem como quando apresentarem dificuldades de adequação prosódica à atuação profissional.

A escolha deste *corpus* aconteceu devido à maior possibilidade de coleta de material de fala sem interferências ambientais, uma vez que os *off's* são notícias gravadas pelo telejornalista em cabina acústica, fato que não ocorre em outras situações de reportagem.

2. TELEJORNALISMO

O primeiro telejornal brasileiro, intitulado *Imagens do Dia*, foi ao ar em 1950 pela TV Tupi, permanecendo um ano na programação. Entretanto, o *Repórter Esso* foi o primeiro telejornal de sucesso permanecendo por nove anos no ar pela mesma emissora e seis anos na TV Record (VALIM, COSTA, FIODERLISIO, 1998; CAMPOS, 2003).

O telejornalismo é um meio de comunicação extremamente popular e acessível a todos os níveis socioeconômicos. Segundo Resende (2000), o telejornalismo possui uma importância significativa porque representa, junto ao telespectador, a principal forma de democratizar a informação.

Por muito tempo, a notícia na televisão era transmitida com os mesmos parâmetros vocais do rádio. Mas, com a evolução do veículo, houve também uma modificação do padrão estético vocal do apresentador e repórter. Com o decorrer do tempo, os telejornalistas desenvolveram um estilo próprio, mais harmônico com a situação interação com o telespectador, utilizando uma linguagem mais coloquial, e ao mesmo tempo conferindo maior credibilidade e confiabilidade na transmissão da notícia (KYRILLOS, 2004, PATERNOSTRO, 1999).

Inicialmente o telejornalismo era realizado com uma linguagem mais formal. Atualmente se valoriza uma comunicação mais direta, até mesmo informal, com a manutenção das características pessoais, como, por exemplo, um sotaque suave. (BEHLAU, *et al*, 2005).

Na TV, a reportagem é a mais completa forma de apresentação da notícia, porque possui textos, imagens, presença do apresentador, do repórter e de entrevistados. Divide-se, basicamente, em cinco partes, a saber: 1) *cabeça*: é a notícia, propriamente dita, lida pelo apresentador em quadro no estúdio de televisão. 2) *off*: texto narrativo do repórter que ampara as imagens e deve estar adequadamente conjugado com as informações visuais que o telespectador vê na tela. 3) *boletim* ou *stand up*: usado, mais freqüentemente, para divulgar informações importantes que não dispõem de imagens correspondentes. 4) *sonoras*: são as entrevistas feitas pelo repórter para completar a matéria. 5) *pé*: é a finalização da reportagem: é fechar a matéria fornecendo ao telespectador uma informação complementar para evitar que a última palavra de uma reportagem fique com algum dos entrevistados, uma vez que poderia dar a impressão de favorecimento, de parcialidade. (MACIEL, 1995; BEHLAU *et al*, 2005; RESENDE, 2000).

“A reportagem é a matéria jornalística que fornece um relato ampliado de um acontecimento, mostrando suas causas, correlações e repercussões. De modo algum, deve prescindir é da intervenção – direta ou em *off* – do repórter”.

(RESENDE, 2000)

Quanto ao assunto tratado, a reportagem divide-se em dois tipos: *factual* e o *feature*. O assunto *factual* é relativo a acontecimentos cotidianos, chamada de matéria quente, que requer divulgação imediata, sob pena de perder a atualidade e necessário impacto sobre o público. O *feature* é referente a assuntos de interesse permanente, que não necessitam do tributo da atualidade, denominada de matéria fria ou de gaveta, produzida para divulgação em dias de poucos acontecimentos. (RESENDE, 2000)

2.1 O *off*

Off, ou texto *em off*, é a parte da notícia gravada previamente em cabina pelo repórter ou pelo apresentador, para ser conjugada com as imagens do fato, que cubram o texto lido, sem que o rosto de quem faz a leitura apareça no vídeo. (RESENDE, 2000; KYRILLOS, 2004)

A gravação é feita em cabina acústica ou no próprio carro de reportagem, enquanto são vistas imagens sobre o tema. Quando gravado em cabina, têm-se boas condições técnicas além da possibilidade de regravar, caso seja necessário. (BEHLAU *et al*, 2005; KYRILLOS, 2004). Após a gravação, ouve-se através do fone e fazem-se as correções necessárias. (KYRILLOS, 1998).

Observa-se então que o *off* não acontece em situação de gravação ao vivo, mas em uma situação controlada pelo repórter que, ao fazer a gravação, pode gravar e regravar o mesmo conteúdo até que seja realizado de modo adequado. Lopes (2004) explica que o repórter escreve, reescreve, grava e regrava o texto o número de vezes que considerar necessário para uma locução perfeitamente compreensível, sem erros de gramática ou qualquer empecilho à boa recepção pelo telespectador. Para ela, “o próprio isolamento acústico no qual o *off* é normalmente gravado já pode ser analisado como um representante de manipulação ou simulação da oralidade no meio de comunicação”.

No presente estudo, utilizaremos como *corpus off's* de reportagens factuais.

3. PROSÓDIA

A prosódia é definida por Crystal (1969) como efeitos vocais constituídos por variações ao longo dos parâmetros da melodia, intensidade, duração e pausa envolvendo variáveis acústicas, articulatórias e auditivas. Desta forma, são excluídos os efeitos vocais que são primariamente o resultado dos mecanismos fisiológicos, os quais ele denomina de paralingüísticos.

Couper-Kuhlen (1986) explana sobre as variáveis prosódicas definidas por Crystal e propõe as seguintes correlações: 1) dimensão articulatória como motora (a fala vista pela perspectiva do falante), 2) a dimensão auditiva como perceptiva e receptiva (a fala vista pela perspectiva do ouvinte) e 3) a dimensão acústica como um sinal acústico transmitido do falante para o ouvinte. Para complementar sua explanação, a autora acrescenta o seguinte quadro:

<i>Articulatória</i>	<i>Acústica</i>	<i>Auditiva</i>
Vibração das pregas vocais	Frequência fundamental (F0)	Melodia
Esforço físico	Amplitude	Intensidade
Tempo de movimento articulatório	Tempo	Duração

(COUPER-KUHLEN, 1986, p. 7)

FIGURA 1: Dimensões da prosódia.

Para Reis (2005), o nível segmental é composto de características sonoras necessárias à identificação dos diferentes segmentos ou fones do enunciado. Já no nível supra-segmental, temos os fatos sonoros que ultrapassam o segmento e estão associados no mínimo a uma sílaba. Ele completa que “o acento da palavra, o ritmo e a entonação são considerados, entre outros, categorias supra-segmentais ou prosódicas da fala.”. Assim se tem que os recursos supra-segmentais são de natureza lingüística. Tal afirmação está em acordo com Kendon (1983), que afirmou ser a prosódia um aspecto paraverbal da comunicação e que envolve aspectos não-lingüísticos, lingüísticos e paralingüísticos.

Para Gimson (1970), as características de um enunciado como duração, acento e variação melódica estão relacionados à prosódia ou aos aspectos supra-segmentais. Já Cagliari (1992) não considera o termo supra-segmental como sinônimo de prosódia. Para ele, deverão ser subdivididos em elementos:

- a) supra-segmentais propriamente ditos, que modificam os segmentos, como labialização, nasalização e palatalização;
- b) prosódicos propriamente ditos. Esses são reunidos em grupos de elementos da melodia da fala (tom, entonação, tessitura), da dinâmica da fala (duração, pausa, acento e ritmo) e da qualidade da voz (volume, registro, qualidade de voz).

Cagliari (1993) afirma que a prosódia possui a função básica de salientar ou diminuir o valor de algo em um discurso, atribuindo maior ou menor importância a alguns elementos. Para ele, a prosódia também tem a função de unir ou romper a ligação de uma palavra com outra ou com grupos de palavras. Ele afirma que não é apenas um meio de expressão das atitudes dos falantes, mas um fenômeno complexo que também envolve a intenção e estruturação sintática da língua, as limitações do processo de fala e o ajustamento fonético e fonológico contextual.

Pickett (1999) e Cagliari (1993) afirmam que ao falar com alguém, de modo geral, desejamos transmitir uma informação objetiva (*o quê*) e uma atitude (*como*) relacionada à informação. Sendo a informação objetiva, o que é dito a partir da escolha das palavras que são colocadas nas frases, pronunciadas de acordo com certas regras melódicas, e a atitude relacionada a propósitos expressivos e afetivos, implicando significados diferentes.

3.1 Organização temporal

No estudo da organização temporal, procura-se identificar variáveis que organizam o enunciado no tempo. Essas variáveis, segundo Grosjean & Deschamps (1972, 1975), podem ser subdivididas em complexas, simples e secundárias.

Variáveis complexas	Variáveis simples	Variáveis secundárias
Velocidade de fala	Velocidade de articulação	Pausas preenchidas
Correlação Tempo de Articulação - Tempo de elocução (TA-TL)	Número de pausas	Sílabas alongadas
	Duração média das pausas silenciosas	Falsos começos
		Repetições

Grosjean & Deschamps (1972, 1975)

FIGURA 2: Variáveis temporais.

Os autores afirmam ser as variáveis simples resultado da decomposição das variáveis complexas e que estas são consideradas primárias, pois são automaticamente requisitadas enquanto falamos.

A velocidade de fala, segundo Grosjean & Deschamps (1972, 1975), traduz a velocidade geral de locução de um locutor e é obtida pela divisão do número de sílabas (ou palavras) emitidas pelo tempo de elocução em segundos, considera-se nessa variável a realização de pausas. Já a correlação TA-TL nos permite medir o tempo de articulação (tempo em que não são acrescentadas as pausas silenciosas) durante toda a atividade de fala e determinar, assim, qual dos dois fenômenos (tempo de articulação ou de pausa) desempenha um papel de aumento ou diminuição da velocidade de fala. Esta correlação é obtida, então, pela divisão do tempo de articulação pelo tempo de elocução e multiplicado o valor por 100, obtendo-se o resultado final em porcentagem. Para o tempo de elocução, os autores consideram o tempo despendido para articular as palavras acrescido do tempo de pausas realizadas.

Para Grosjean & Deschamps (1972, 1975), as variáveis secundárias não são automaticamente requisitadas enquanto falamos e praticamente não acontecem na leitura, exceto com locutores que se sentem pouco à vontade. As variáveis secundárias são também consideradas pelos autores como fenômenos de hesitação.

Para Duez (2005), a organização temporal transmite uma informação lingüística sobre o sentido e conteúdo da mensagem e uma informação extralingüística sobre o locutor, suas origens e seu estado de saúde. A análise da organização temporal permite então uma melhor compreensão do funcionamento da língua e é também uma fonte de informação sobre as disfunções da língua. Ela veicula uma informação fundamental sobre a organização sintática do enunciado.

3.1.1 Duração

Reis (2005) define a duração como sendo o parâmetro fonético responsável pela organização temporal, que determina a distribuição do tempo no enunciado. As categorias prosódicas são a fluência, as pausas e a velocidade de fala por meio das taxas de articulação e de elocução.

Crystal (1969) considera que a duração pode ser definida como um aspecto variando independentemente da sensação auditiva quando se atribui à percepção de um som, agrupamento de sons, elocução ou silêncio como 'curtos' ou 'longos'. Para Lehiste (1970), há uma dificuldade em se fazer uma análise da duração. Essa dificuldade está em como determinar com exatidão o ponto que se deve medir.

Pickett (1999) afirma que a duração envolve a coordenação dos movimentos dos órgãos fonoarticulatórios (lábios, língua, por exemplo) com a ausência ou presença de fonação, sendo que tal coordenação sofre influência de uma série de variáveis tais como o número de sílabas em uma palavra, a localização do acento, a ênfase, etc. A duração da sílaba, conforme Clark & Yalooop (1995), é influenciada por diversos fatores contextuais tais como: velocidade de articulação, a posição da sílaba na palavra ou outra unidade maior, a colocação da proeminência ou acento e a estrutura dessas próprias unidades maiores.

Para Laver (1994), a duração, no domínio fonológico, significa alongamentos ou encurtamentos de segmentos, influenciada pelas estruturas lexicais locais – acento da sílaba, posição da sílaba no

enunciado e o número e tipo de sílabas que constituem a unidade rítmica local. Já no domínio fonético, a duração pode ser definida pela natureza do segmento, sendo uma propriedade desses.

Bolinger (1986) relata que a duração pode ser usada para intensificação, principalmente de adjetivos. Ele também coloca que quanto mais uma expressão é usada, mais as suas partes tendem a se fundir e a serem pronunciadas mais rápidas; enquanto que uma informação nova apresenta uma duração maior.

Vemos assim a importância do parâmetro 'tempo' como uma ferramenta essencial neste estudo, pois esse parâmetro prosódico pode estar relacionado com o tempo total de emissão de um enunciado, com o tempo de realização das pausas e com o tempo gasto para a produção de uma sílaba, aspectos a serem estudados. Vale ressaltar que a unidade de medida da duração neste estudo será dada em segundos (s).

3.1.2 Pausa

A pausa é um dos recursos supra-segmentais que organiza o discurso. Segundo Grosjean & Deschamps (1975), é considerada variável secundária, pois, para eles, a presença dessa variável não é automaticamente requisito enquanto falamos e não interfere praticamente nunca na leitura, por exemplo. Para os autores, interfere somente parcialmente em alguns locutores que se exprimem com muita facilidade. As variáveis secundárias correspondem ao que nomearam como "fenômenos de hesitação" e complementam que:

(...) les pauses silencieuses, bien que placées par nous parmi les variables primaires, se trouvent partagées entre cette catégorie et celle des variables secondaires étant donné leur nature complexe: elles peuvent être à la fois, et souvent simultanément, pause grammaticale, pause de respiration, mais aussi pause d'hésitation.

GROSJEAN & DESCHAMPS (1975, p. 148)

Grosjean & Deschamps (1972,1973, 1975) basearam seus estudos nas obras de Maclay & Osgood (1959), e de Goldman – Eisler (1968).

Maclay & Osgood (1959) ao estudarem os fenômenos de hesitação, interessaram-se pelas pausas e estabeleceram quatro tipos: 1) *Silenciosa ou não preenchida*: referem-se a silêncios com durações prolongadas e alongamentos não-fonêmicos dos fonemas; 2) *Pausas preenchidas*: caracterizam-se pelo preenchimento do silêncio por elementos do tipo *eh, hum*; 3) *Repetições*: equivalem a retomadas de sílabas ou de palavras, independente de sua duração, desde que sejam semanticamente não-significativas; 4) *Falsos começos*: refere-se a enunciados inacabados ou auto-interrompidos que não sejam repetidos, isto é, são enunciados auto-interrompidos que são retomados de uma forma diversa da anterior. MACLAY & OSGOOD (1959) *apud* YACOVENCO (2000).

Goldman-Eisler (1968) *apud* Yacovenco (2000) também classifica as pausas segundo a proposta de Maclay & Osgood, mas considera como pausas silenciosas somente as que possuem duração superior a 250 milisegundos.

Grosjean & Deschamps (1972) apresentam as pausas agrupadas como pausa sonora. Em trabalho posterior (1975), subdividem-na em dois tipos: sílabas alongadas e preenchidas. Para eles, as alongadas são todo prolongamento anormal de sílabas (em fim de palavra) ou de monossilábicas e as preenchidas são todo processo de hesitação interveniente da linguagem.

Yule & Brown (1987) classificam as pausas segundo sua duração em três tipos: 1) *extensas*: maior que 3,2 segundos; 2) *longas*: entre 1,0 e 1,9 segundos e 3) *breves*: de 0,1 a 0,6 segundos. Para os autores, cada tipo de pausa pode ser relacionado a determinadas funções discursivas e sintáticas. Desta forma, as pausas breves se ligam a fronteiras de unidades maiores (fronteiras externas de constituintes). As pausas localizadas nas fronteiras externas dos constituintes têm a função de delimitar unidades tonais e podem indicar hesitação, seja na seleção lexical ou sintática, ou no planejamento discursivo. Nesse caso, a pausa expressa o tempo despendido pelo falante na elaboração de um enunciado.

Para Laver (1994), um discurso contínuo é marcado pela ausência de pausas, enquanto um discurso não-contínuo apresenta esse elemento. As pausas, segundo ele, são de dois tipos: 1) *silenciosas*, que se caracterizam por um silêncio de 200 milissegundos ou superior a esse valor e 2) *preenchidas*, que são falhas na estrutura verbal de um enunciado, preenchidas por elementos não-lingüísticos, como: *eh, hum*.

Misono & Kiritani (1990) e Chacon & Schulz (2000) apresentam a seguinte definição para as pausas: 1) *não-preenchidas*: caracterizada pelo silêncio absoluto, ausência de sinal acústico; 2) *preenchidas*: convenções utilizadas pelos falantes, marcas de planejamento no final/início da conversação, ou seja, suplementadas por sinal acústico (vocalizações ou ruídos) e 3) *combinação das anteriores ou mistas*: pausas preenchidas ocorrendo juntamente às não preenchidas, ou seja, porção de silêncio seguida de um tipo de ruído, ou o inverso, ou ainda qualquer combinação de ruído e silêncio.

Fromkin & Ratner (1998) caracterizam as pausas como preenchidas ou completas (ou ainda disfluências), quando houver hesitações sonoras, palavras de preenchimento, repetições, e

prolongamentos de duração vocálica; e como pausas silenciosas ou vazias quando houver ausência de som.

Para Duez (2005), as disfluências incluem as pausas preenchidas, as repetições, os falsos começos e os alongamentos, assim como as omissões e adições de sílabas, de palavras gramaticais e lexicais, de sintagmas que introduzem igualmente uma ruptura da fluidez ou de conteúdo do enunciado.

Grosjean & Deschamps (1972, 1973) consideram para fala espontânea pausas como não sonoras de respiração, estilísticas e de hesitação. Para a leitura, consideram como não sonoras de respiração e de hesitação. Grosjean & Collins, (1979) classificam-nas como respiratórias e não respiratórias.

Em relação às pausas silenciosas, discute-se qual seria a duração mínima do silêncio para que seja considerado uma pausa. Illes, Nespoulos & Lecours (apud Davis & Leon 1989) estabeleceram o valor de 150ms. Laver (1994) determina o valor de 200 ms, Goldman-Eisler (1968) *apud* Yacovenco (2000) prefere a duração de 250 ms e para Hadar, Wenkert – Olenik, Krauss e Soroker (1998) a duração mínima é de 300 ms. Em todas essas propostas, discute-se a inclusão da obstrução característica das consoantes oclusivas em posição inicial na contagem do tempo da pausa silenciosa. Apesar de se verificar os valores mínimos determinados acima, não se verifica, com maiores detalhes, como foram extraídos esses valores, ou mesmo qual o valor de tempo de silêncio das oclusivas encontrado nas amostras, exceto para o estudo de Laver, que considera como tempo médio de oclusivas o valor de 180 milissegundos.

Reis *et al* (2008), em estudo com seis indivíduos brasileiros, idosos, portadores da doença de Parkinson, encontrou para o grupo experimental sem o uso de medicamento para a doença o valor

mínimo de 23 ms e máximo de 2,118 segundos. Para o grupo controle (idosos sem a doença), o valor mínimo foi de 26 ms e máximo de 1,821 segundos.

Campione & Véronis (2002) sugerem em seu estudo sobre pausas silenciosas uma categorização de duração delas. Eles propõem a divisão dessas em: 1) *breves*: menores que 200 ms; 2) *médias*: entre 200 e 1000 ms; e 3) *longas*: maiores que 1000 ms.

Borges (2008) considerou os valores de 70 a 250 ms para pausas breves e maiores que 250 ms para longas. Valente (2003) considerou como breves as de até 120 ms, médias de 121 até 700 ms, longas de 701 até 1300 ms e muito longas acima de 1301ms.

No estudo de Duez (1991), que estuda a pausa em entrevistas concedidas por personalidades políticas francesas, e o de Freitas (1992) que pesquisa o comportamento da pausa no discurso oral espontâneo e na leitura, prevalece um enfoque de base sintática, em que a localização sintática, a duração e a frequência das pausas são relacionadas aos seus tipos e funções. Essas autoras utilizam a classificação proposta por Maclay e Osgood (1959).

Para Alves (2002), a pausa está relacionada a fatores: 1) *lingüísticos*: sintáticos, lexicais, gramaticais e de organização do discurso; 2) *extralingüísticos*: conhecimento entre falantes; idade dos interlocutores; complexidade ou dificuldade do tema ou espontaneidade do discurso; e 3) *psicofisiológicos* como a necessidade de parar para respirar.

Currie (1979) utiliza o termo pausas de planejamento quando ocorre o planejamento da fala do indivíduo – facilmente identificada desde que o falante interrompa com um sintagma nominal ou preposicional. O termo pausas preenchidas é usado quando se relaciona com possíveis hesitações que possam surgir no decorrer da emissão - podem ser observadas na presença ou não de silêncio ao seu redor.

Mignard *et al* (2001) consideram que a frequência das pausas silenciosas está ligada a um esforço cognitivo necessário na produção do enunciado, como mostram os estudos sobre pausa na produção espontânea e na leitura.

Comparando tarefas lingüísticas diferentes, Goldman-Eisler (1968) *apud* Yacovenco (2000) mostrou que bem longe de ser um tempo morto, as pausas cobrem uma intensa atividade cognitiva. O locutor marca uma fronteira de grupo sintático por colocar uma palavra uma idéia em valor. A pausa aparece então como um elemento complexo: a interpretação de sua função depende fortemente de sua distribuição no enunciado e da tarefa lingüística a qual o locutor é confrontado. Madureira (1992) acredita que a ocorrência de pausas serve a três funções: planejamento do discurso, construção de suspense e ênfase.

Para Cruttenden (1986), a pausa deve ser compreendida como um elemento de juntura, demarcando o limite de grupos entoacionais. A realização da pausa relaciona-se a fatores estilísticos, como tipo de enunciado (narração, argumentação, leitura, texto oral espontâneo), ou a fatores emocionais, como a interação locutor/ alocutário, afinidade do locutor com o tema proposto, estado emocional do locutor (raiva, alegria, tristeza). Grosjean & Deschamps (1972, 1973) dividem as pausas silenciosas

da leitura, como de respiração e estilísticas, não havendo, como para a fala espontânea a divisão em pausas de hesitação.

Lucci (1983) para o francês, bem como Howell & Kadi – Hanifi (1991) *apud* Gerard & Dahan (1995) para o inglês, compararam leitura e fala espontânea e relataram um aumento no número de pausas, silenciosas e preenchidas, na leitura.

Grosjean & Deschamps (1972, 1973, 1975) em estudos que objetivavam medir vários parâmetros temporais, entre eles as pausas, no francês e no inglês, observaram que a distribuição sintática das pausas foi similar nas tarefas de descrição de desenhos de humor, bem como em entrevistas radiofônicas. No trabalho de 1975, para as entrevistas, em fim de sentenças, as pausas silenciosas estavam localizadas em 60,46 % e as preenchidas em 44,21% das vezes. Já para o interior de sentenças, obtiveram-se os valores de 39,54% para as silenciosas e 55,49% para as preenchidas.

Em pesquisa com seis estudantes de graduação, sem queixas de distúrbios de fala e/ou audição, dividiram-se as pausas em respiratórias e não-respiratórias. Os autores concluíram que a necessidade psicológica que o falante possui para respirar o obriga a interromper seu discurso para inspirar, mas fará da forma mais rápida e rara possível. Concluíram também que se uma pausa deve ser longa (por diversos motivos, como a ordem sintática, por exemplo) e o falante necessita inspirar, ele o fará no momento das pausas. Mas, se a pausa deve ser curta, então a respiração deverá ocorrer na próxima pausa. (GROSJEAN & COLLINS, 1979).

Em estudo sobre as pausas silenciosas no rito (oração da “Ave Maria”), que compara indivíduos brasileiros e franceses, Souza *et al.* (2006) observou que tanto o número de pausas quanto o tempo total delas foi menor no português. As pausas, nos dois grupos, se encontram em locais bem definidos dentro da oração. A ocorrência acontece sempre nos mesmos locais dentro da oração ao comparar informantes do mesmo idioma.

Gama (2003) observou na análise espectrográfica de *offs* de quinze telejornalistas, em emissão profissional, aumento de pausas expressivas. Sóstenes & Souto (2004) analisaram perceptivamente a narração da leitura de um texto, neutro, sobre economia, de quinze telejornalistas em situação de pré e pós-atuação fonoaudiológica. Na primeira situação, todos apresentaram excesso de pausas e, após atuação fonoaudiológica, apresentaram uso equilibrado de pausas no texto. Peter (2005), em estudo perceptivo-auditivo e acústico da emissão espontânea e profissional realizado com quinze telejornalistas esportivos, observou um aumento do uso de pausas expressivas na emissão profissional quando comparadas à leitura espontânea. A autora considerou como pausa expressiva a que dividia o enunciado de acordo com os blocos de significado.

Borges (2008), em estudo realizado com cinco estagiários de telejornalismo em TV universitária, obteve o número de pausa variando de 3 a 6 em leitura de um mesmo texto de *off*, com durações médias de pausa de 0,24 segundos para o sintagma fonológico e de 0,34 segundos para o enunciado fonológico (esse considerado mais alto na hierarquia de constituintes prosódicos utilizada neste trabalho). Para o sintagma fonológico, a autora encontrou 9 pausas longas e 6 breves e para o enunciado fonológico a autora encontrou 5 longas e nenhuma pausa breve.

Cotes (2007), em estudo fonético-acústico de amostras de fala de dois telejornalistas em cinco programas de televisão, observou que o uso da pausa silenciosa varia de acordo com o estilo do programa televisivo apresentando gradiência quanto à produtividade e a distribuição. A autora relatou que a pausa foi menos produtiva (ou freqüente) no estilo de apresentação em telejornal, que se aproxima da leitura em voz alta, do que na passagem, que geralmente apóia-se em texto decorado.

3.1.3 Velocidade de fala

Para Valente (2003), a velocidade de fala pode ser observada intuitivamente pelo ouvinte que dirá se é rápida, lenta ou apropriada para uma determinada situação. É usada como estratégia prosódica. Pode-se acelerar a fala em um diálogo sinalizando ao ouvinte que o falante não quer ser interrompido ou diminuí-la sinalizando que o falante está quase por terminar o que está dizendo (CAGLIARI, 2002).

Behlau & Pontes (1995) afirmam que a velocidade de fala relaciona-se aos diferentes ajustes motores necessários à sua articulação. Desta forma, uma velocidade de fala aumentada pode estar relacionada à ansiedade, tensão ou vontade de o indivíduo omitir dados do discurso e; quando lentificada, pode representar a falta de organização de idéias ou lentidão de pensamento e atos. Segundo Passos, *et al* (1979) *apud* Ilari (1993), as variações de velocidade de fala podem estar condicionadas por fatores como: envolvimento com o falante ou com o tema; grau de formalidade ou mesmo atenção dispensada à fala.

Alguns autores expressam a velocidade de fala em sílabas por segundo (FANT, NORD & KRUCKEMBERG, 1987; GUAÏTELLA, LAVOIE & TETREAULT, 1995) ou em sílabas por minuto (BEHLAU & PONTES, 1995; YACOVENCO, 2000; GROSJEAN & DESCHAMPS, 1972, 1973).

Conforme Grosjean & Deschamps, (1972, 1973, 1975) a velocidade de fala é uma variável complexa e que apresenta, portanto, variáveis simples em sua constituição. Assim, conforme também observamos nos estudos de (VALENTE, 2003; CELESTE, 2006; REIS, 2005; DUEZ, 2005; SOUZA, 2007;) considera-se no estudo da velocidade as seguintes variáveis:

- 1) *tempo de elocução*, que é o tempo de emissão do início ao fim da elocução;
- 2) *tempo de articulação*, que é o tempo de elocução extraído do tempo relativo às pausas;
- 3) *taxa de articulação*, que é calculada dividindo-se o número total de sílabas pelo tempo de articulação;
- 4) *taxa de elocução*, que é obtida dividindo-se o número de sílabas pelo tempo total de elocução.

Observa-se que os termos: taxa de articulação e de elocução obtiveram apenas uma mudança de nomenclatura, quando se observa os trabalhos de Grosjean & Deschamps, (1972, 1973, 1975) e são referentes ao que originalmente os autores classificaram como velocidade de articulação e velocidade de fala.

Behlau (2001), em estudo descritivo sobre as vozes preferidas nas profissões, relata que para o telejornalista-repórter a velocidade de fala média e o uso de pausas expressivas são considerados adequados.

Nos estudos de Grosjean & Deschamps (1972) sobre a fala espontânea de trinta entrevistas de franceses em emissões radiofônicas, foram encontrados valores de taxa de articulação de 4,4 e 6,0 sílabas por segundo. Esses autores, no trabalho de 1973 com vinte estudantes universitários, encontraram um valor mediano para a taxa de articulação de 4,31 sílabas por segundo.

Valente (2003), em estudo da leitura e relato de dez adultos brasileiros, encontrou para a leitura médias de 5,52 sílabas por segundo para a taxa de elocução e 6,42 para de articulação. Já para o relato, a autora encontrou médias de 4,40 sílabas por segundo para a taxa de elocução e 5,38 sílabas por segundo para a de articulação. Celeste (2006) encontrou, na leitura e no relato de oito crianças brasileiras, médias de 3,6 e 2,7 sílabas por segundo para a taxa de elocução respectivamente.

Em pesquisa realizada por Fant, Nord & Kruckenberg (1987), em leitura de sentenças por quatorze informantes adultos ingleses, encontraram para a taxa de elocução o valor médio de 5 sílabas por segundo. Já Guaitella, Lavoie & Tetreault (1995) que compararam a fala espontânea (realizada a partir do diálogo entre duas pessoas – adultas francesas) e a leitura, os valores encontrados para as taxas de elocução foram de 6,17 e 6,07 sílabas por segundo para cada informante na fala espontânea e de 5,56 e 5,39 sílabas por segundo para cada informante na leitura.

No estudo sobre a prosódia no comando militar realizados com dezesseis informantes, Souza (2007) encontrou médias de taxas de articulação de 4,55 sílabas por segundo para comandos de companhia, 4,43 sílabas por segundo para comando de batalhão e 3,84 sílabas por segundo para comando de pelotão. Para as taxas de elocução, a autora encontrou médias de 3,59, 2,8 e 2,57 sílabas por segundo para cada comando respectivamente.

No estudo de Teixeira (2008), realizado com indivíduos portadores da doença de Parkinson, a autora encontrou, para o grupo de indivíduos portadores da doença sob o efeito de medicamento, valores medianos de 4,844 sílabas por segundo para a taxa de elocução e 5,767 sílabas por segundo para a de articulação. Para o grupo controle, Teixeira encontrou valores medianos de 4,799 para taxa de elocução e 5,298 sílabas por segundo para a taxa de articulação.

Xu (2004), em estudo sobre o mandarim, considerou a média da velocidade de fala de uma frase normal entre 5 a 7 sílabas por segundo. Com esses dados, concluiu que a duração média das sílabas está entre 143 a 200 ms. Verhoeven, Pauw & Kloots (2004) encontraram, em estudo de fala espontânea realizado com 160 falantes do holandês provenientes da Bélgica e dos Países Baixos, taxas de articulação de 4,23 e 5,05 sílabas por segundo e de elocução de 4,00 e 4,23 sílabas por segundo, respectivamente. Demonstraram que a velocidade de fala tem relação com o país de origem e que falantes dos Países Baixos têm velocidade de fala maior em 16%.

Borges (2008), em estudo realizado com cinco estagiários de telejornalismo em TV universitária, obteve valores de 6 a 7,31 sílabas por segundo para taxas de elocução e 6,63 a 7,44 sílabas por segundo para taxas articulação quando em leitura de *off's*.

Nos estudos originais de Grosjean & Deschamps, (1972, 1973, 1975) e Valente (2003), observa-se que os autores adotaram os termos velocidade de fala e de articulação para o que consideramos, neste estudo, como taxas de elocução e de articulação, respectivamente. Adotou-se esta terminologia também adotada em outros estudos do laboratório de fonética como os realizados por Reis, (2005), Celeste (2006), Souza (2007), Borges (2008), Teixeira (2008) bem como de estudos realizados em outros países, como os estudos de Xu (2004), Verhoeven, Pauw & Kloots (2004), Duez (2005) por acreditar que essa terminologia está mais apropriada, quando se considera a velocidade de fala como um componente prosódico que pode ser desmembrado, para melhor detalhamento e compreensão dos dados, em taxas de articulação e de elocução. É importante ressaltar que a forma de realizar o cálculo, baseada inicialmente nos estudos de Grosjean & Deschamps se manteve, mudando-se somente a terminologia por considerá-la mais apropriada.

4. LEITURA

O ato de ler se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressões do fazer humano, caracterizando-se também como acontecimento histórico e estabelecendo uma relação igualmente histórica entre o leitor e o que é lido. (MARTINS, 1994).

A leitura realiza-se a partir de um diálogo entre o leitor e o objeto lido, seja sonoro, escrito, através do gesto, da imagem ou de um acontecimento. Esse diálogo é referenciado por um tempo, um espaço, uma situação e desenvolvido de acordo com os desafios e respostas que o objeto apresenta. Essas respostas são em decorrência de expectativas, das necessidades, do prazer das descobertas e do reconhecimento das vivências do leitor. (WALLACE, 1993).

A leitura requer um material escrito, subentendendo uma integração de uma dimensão espacial do texto. A leitura oral se processa pela apreensão perceptiva das estruturas escritas e oralização dessas estruturas graças aos códigos da língua falada. No mecanismo de leitura, ocorre a conceituação e a oralização em etapas diferenciadas e não de forma simultânea. (VALENTE, 2003)

Cagliari (1993) afirma que para se ler e entender algo se deve processar o texto escrito como se estivesse sendo dito de maneira espontânea. O leitor recria o que lê através da maneira como atribui os elementos prosódicos ao texto escrito. O autor afirma também que um texto sem prosódia simplesmente não faz sentido.

Para Marcuschi (1997), pode-se supor que a leitura é uma forma de recuperar, a partir da escrita, os elementos da fala, sendo, portanto, um elemento intermediador entre a escrita e a fala oral, ao se considerar que a escrita pode ser a representação gráfica da fala e que, ao ler um texto, o leitor age como um falante. A língua oral e a escrita possuem cada qual sua própria norma, com modo de representações cognitiva e social específicos, não sendo especificamente uma equivalente da outra.

4.1 A leitura do texto jornalístico

Pretti (1991) afirma que as peculiaridades do processo comunicativo pela tevê são mais compatíveis com a oralidade do que com a escrita porque há o ouvinte (telespectador ou não). Assim, há uma expectativa para a linguagem oral com suas repetições, autocorreções, hesitações, segmentos sintáticos truncados ou abandonados e outras marcas típicas da língua falada. Resende (2000) argumenta que a evidência do predomínio da oralidade sobre a escrita na cultura nacional acontece em virtude de uma estreita afinidade que a televisão mantém com um público analfabeto ou “semi-alfabetizado”. Isso explica a correspondência entre linguagem popular e a televisiva, sobretudo nas novelas e programas humorísticos. Para ele, a busca de uma linguagem condizente com o perfil sociocultural dessa categoria de telespectadores - de modo a proporcionar-lhes uma “compreensão imediata” das mensagens - inspira-se diretamente na língua oral da comunidade, fonte principal do estilo das falas da TV.

No telejornalismo, a leitura oral é constantemente utilizada para a transmissão da notícia e os recursos entonacionais, sendo muitos ou poucos, podem comprometer a comunicabilidade de um apresentador ou repórter. São poucas as situações em que o telejornalista utiliza a fala espontânea (LOPES, 2004).

“O texto televisivo é produzido com ênfase na escrita, mas a oralidade é o canal da expressão. O texto é escrito para parecer fala espontânea. Esta fala construída vai aumentando o efeito verdade, e não é sem razão que a credibilidade do noticiário de TV é menos contestada do que o noticiário da imprensa escrita”. (TORRES, 2005).

O redator de telejornalismo tem de encontrar aquela forma de expressão que torne a mensagem acessível à – senão toda – maior parte da audiência. Tudo pelo motivo crucial de estar em perfeita sintonia com o telespectador que assiste ao noticiário. Todo discurso jornalístico deve organizar-se em função da audiência e do apresentador que lê em voz alta. (RESENDE, 2000).

“O mais importante nesse processo é que, por meio dessa interação, induz-se à convicção de que sempre tem alguém conversando “comigo” (telespectador), exibindo-se ou mostrando alguma coisa. E embora no instante em que ocorre, possa se ter consciência da artificialidade desse contato, o espetáculo consegue quebrar a sensação de unilateralidade da comunicação, no sentido emissor-receptor. A impressão de diálogo, de conversa pode ser tão intensa que não são raros os telespectadores que respondem às interpelações dos apresentadores de TV: “Boa noite”, “um abraço para você”, “venha comigo”, “você não pode perder essa oportunidade””. (RESENDE, 2000)

A oralidade nos meios de comunicação tem sido mais valorizada, assim como o aumento da exigência da qualidade dos profissionais de jornalismo que atuam nesses veículos (TORRES, 2005). O repórter de televisão deve ser natural, se desejar ler ou falar um texto decorado, deverá fazê-lo baseando-se nas características da fala e não da escrita. (STIER & NETO 2003; 2005).

Durante a leitura, em muitos momentos, o repórter precisa correlacioná-la com a imagem, procurando relatar os fatos no exato momento em que o texto imagético é exibido. Assim, temos uma informação sendo transmitida para o telespectador em duas vias: auditiva e visual.

Para Resende (2000), a imagem (dentro de uma concepção de jornalismo no Brasil) confere uma função primordial no processo de codificação das notícias, enquanto que a palavra cumpre um papel secundário, quase de mero complemento e suporte da informação visual. Paternostro (1987) justifica a soberania da imagem, afirmando que é com essa que a televisão compete com o rádio e o jornal e exerce o fascínio para prender a atenção das pessoas.

Para Sampaio (1971), uma das críticas mais comuns que se fazem ao telejornalismo é exatamente quando ele não dosa bem palavra e imagem, perigo sempre presente, porque, por sua natureza, a TV favorece a simultaneidade das imagens visuais e auditivas e sendo a visual mais poderosa. Assim, conforme Kyrillos (2004), na videorreportagem (em que são apresentadas imagens do fato e narração do locutor sem a imagem deste) é na narração do texto que o videorrepórter busca transmitir credibilidade e procura captar a atenção do telespectador. O profissional tem uma grande chance para imprimir sua “caligrafia” nas matérias, pois controla a escolha das palavras e a captação das imagens, mas se o *off* não for bem executado e cativante, a “voz própria” do videorrepórter perde força e interesse.

5. METODOLOGIA

Acredita-se que há um padrão característico de organização temporal para a locução de telejornalistas em notícia factual. Para verificar essa hipótese, elaborou-se a metodologia que será apresentada a seguir.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de ética em Pesquisa da UFMG, sob parecer nº ETIC 014/07.

5.1 Informantes

O primeiro passo para o início da pesquisa foi a seleção dos telejornalistas. Decidiu-se por trabalhar com profissionais de uma mesma emissora de televisão de Minas Gerais para eliminar como possível variável a multiplicidade de estilo de narração jornalística entre diferentes emissoras.

Estabeleceu-se, como critérios de inclusão, que os informantes deveriam ser naturais de Minas Gerais, os jornalistas serem apenas de jornais noticiosos, os informantes do grupo controle possuírem nível superior de escolaridade e parearem em sexo com o grupo experimental.

A emissora selecionada foi contatada previamente por intermédio de seu diretor de jornalismo. Mediante uma explicação detalhada sobre a pesquisa e com a garantia da confidencialidade das identificações, ele concordou em participar.

Como essa emissora exibe alguns telejornais em sua programação, optou-se por selecionar apenas um deles, o que é transmitido diariamente por volta do meio-dia. Essa decisão fundamentou-se, também, no fato de eliminarmos possíveis variações de locução ligadas ao estilo de diferentes telejornais dessa mesma emissora.

Os participantes da pesquisa foram, então, recrutados por meio de um convite e foi apresentada a eles uma explicação sobre o estudo a ser realizado. Participaram da pesquisa dez profissionais (dois homens e oito mulheres) que se encaixaram nos critérios de inclusão selecionados. Como não seria apropriado comparar as locuções masculinas com as femininas, que se encontrava em número desproporcional, optou-se por analisar somente os *off's* de locuções femininas.

Não coletamos mais amostras de locuções masculinas porque os demais telejornalistas da emissora não eram mineiros ou eram locutores de jornais esportivos.

Para a comparação dos dados entre telejornalistas (GE) e não-telejornalistas (GC) foram escolhidos aleatoriamente estudantes mulheres de pós-graduação da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Assim, garantiu-se que todas as estudantes já possuíam curso superior completo, pois, procuramos evitar diferenças de escolaridade que poderiam afetar na fluência da leitura. Todas as informantes foram convidadas a participar desta pesquisa em caráter voluntário.

Todos os participantes do GC e do GE assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (apêndice A e B) após explicação detalhada da pesquisadora sobre os objetivos da pesquisa.

5.2 Corpus

Com o interesse em realizar o estudo prosódico, decidiu-se por trabalhar com situações reais de locuções jornalísticas. Desta forma, o *corpus* foi constituído de reportagens de notícias factuais de conteúdos policiais, que foram ao ar na emissora selecionada. Para o estudo, foram selecionados posteriormente apenas os *off's*. Todos os *off's* das reportagens foram elaborados pelas telejornalistas que os leram.

5.3 Coleta dos dados

Os *off's* do GE foram gravados na emissora de televisão, por meio de cabina acústica e editados posteriormente. Tivemos acesso às fitas Betacan, após autorização do diretor de jornalismo, com as reportagens que haviam ido para o ar. O conteúdo das fitas foi inicialmente transferido para DVD e também para áudio (som *wave*). Posteriormente, o áudio foi transferido para o programa de análise acústica *Praat* versão 4.4.07 para ser editado e analisado.

A gravação das informantes do GC aconteceu na cabina acústica do Laboratório de Fonética da UFMG (LabFon) após a leitura silenciosa e posterior visualização da imagem da reportagem pelas informantes. A gravação das estudantes de pós-graduação foi realizada por meio do Computador Dell® (processador Intel® Pentium® D 925 Dual Core, 3.0GHz, memória RAM 2GB HD160GB, placa de som integrada) diretamente no programa de análise acústica *Praat*.

Durante a gravação das informantes do GC, tomou-se o cuidado de observar a intensidade de fala para se evitar saturação de onda acústica dos dados.

Para a gravação, utilizou-se microfone unidirecional, de cabeça, da marca *plantronics audio 320* posicionado a uma distância de aproximadamente 05 cm da boca da informante.

Inicialmente, as amostras de fala do GE foram transcritas pela pesquisadora e numeradas de 01 a 08. Essa amostra continha os *off's* e as passagens¹. Após esse passo, elas foram entregues às estudantes de pós-graduação momentos antes da gravação. Cada estudante leu apenas a amostra de fala de uma telejornalista. Elas foram orientadas inicialmente a ler em silêncio para que pudessem ter um pouco de intimidade com o texto. Depois assistiram às imagens correspondentes a cada reportagem sem o som e posteriormente fizeram a leitura em voz alta por três vezes. Optou-se por deixar as passagens no material fornecido às informantes do GC, por acreditar que ao retirá-los do texto, poderia haver uma descontinuidade no conteúdo, o que poderia influenciar na leitura em voz alta, provocando mudanças nos padrões de velocidade de fala e pausas.

Solicitou-se a leitura em voz alta por três vezes a cada informante do GC para que no momento de análise pudesse ser escolhida a melhor leitura realizada pela informante, ou seja, a leitura que apresentasse melhor fluência e menor número de hesitações. Optou-se por aplicar esse critério porque na situação real, a telejornalista pode, ao ler o *off*, fazer correções, que posteriormente serão editadas.

¹ A expressão *passagem* se traduz como parte da notícia que faz a ligação entre trechos de uma reportagem. É também chamada de passagem do repórter, utilizada no meio da matéria para destacar a presença do repórter no local onde se desenrola o fato (RESENDE 2000).

Optou-se por selecionar, para o GC, apenas informantes que não tivessem visto a reportagem em momento posterior à pesquisa, uma vez que a informante poderia tentar utilizar um padrão prosódico de leitura próximo ao da telejornalista. Apenas uma das informantes referiu, após ver as imagens sem o som, não ter certeza de ter visto a reportagem em um momento anterior (em casa, por exemplo). Como a informante referiu não ter conhecimento do texto apresentado, optamos por mantê-la como informante da pesquisa.

Das informantes do GC, a amostra contou com seis fonoaudiólogas e três professoras graduadas em Letras. Nenhuma das fonoaudiólogas possuía experiência em voz profissional. O material de fala de uma das fonoaudiólogas foi descartado por não apresentar qualidade de som.

Em todas as amostras de fala, foi feita a edição dos dados pela pesquisadora, sendo retirados os conteúdos referentes às passagens para a análise posterior. Após a leitura dos textos pelas informantes do GC, as amostras foram classificadas em números e letras conforme mostra a tabela abaixo, bem como no apêndice c. A amostra de fala inicial de cada telejornalista apresentava de dois a sete *off's* que foram classificados por letras. Entretanto, não foram analisados todos os *off's* apresentados nas reportagens, pois, uma vez que os mesmos foram colhidos a partir de reportagens que foram ao ar, em alguns deles havia muito ruído de fundo, que poderia comprometer a análise dos dados.

<i>Off</i>	Subdivisões
1	a,c
2	a,c, e
3	a,b
4	a,b
5	a,b
6	a,b,c
7	a,b
8	a,b

FIGURA 3: Distribuição de *off's* e subdivisões analisadas.

5.4 Critérios de análise

Todo o trabalho foi baseado em dados acústicos e perceptivos, dos quais se obtiveram os valores relacionados à velocidade de fala e a pausas.

5.4.1 Velocidade de fala

Realizou-se a análise da velocidade de fala por meio da medida das taxas de articulação e de elocução, a saber:

- Tempo de articulação (TA): tempo de elocução extraído do tempo relativo às pausas;
- Taxa de articulação (TXA): número total de sílabas dividido pelo tempo de articulação;
- Tempo de elocução (TE): tempo de emissão do início ao fim da elocução;
- Taxa de elocução (TXE): o número de sílabas dividido pelo tempo total de elocução.

Também foi calculada a duração média das seqüências sonoras (DMSS). Essa variável é medida pelo intervalo de fala obtido entre pausas, ou seja, a cada duas pausas tem-se uma seqüência sonora.

5.4.2 Número de sílabas

A contagem de sílabas fonéticas baseou-se no apoio auditivo bem como na observação do espectrograma e do sinal sonoro. As sílabas foram contadas em todo o enunciado e transcritas ortograficamente, conforme pode ser observado no anexo 3.

5.4.3 Pausas

A análise aconteceu por meio da contagem do número de pausas (NP) bem como do tempo de cada pausa em segundos. Inicialmente se contou com o apoio auditivo para identificá-las, o que seria confirmado, ou não, através da visualização do espectrograma de banda larga e do sinal sonoro.

Tomou-se o cuidado em observar os tempos de silêncio das oclusivas, quando as sentenças iniciavam após uma pausa. Para isso, observou-se a barra de explosão da consoante e excluiu-se da pausa o valor de 90 ms correspondente ao tempo de silêncio. Esse valor foi baseado no valor médio de oclusivas intervocálicas da amostra. Para o cálculo, foram escolhidos aleatoriamente três leituras do GE e três do GC e medidas as oclusivas intervocálicas.

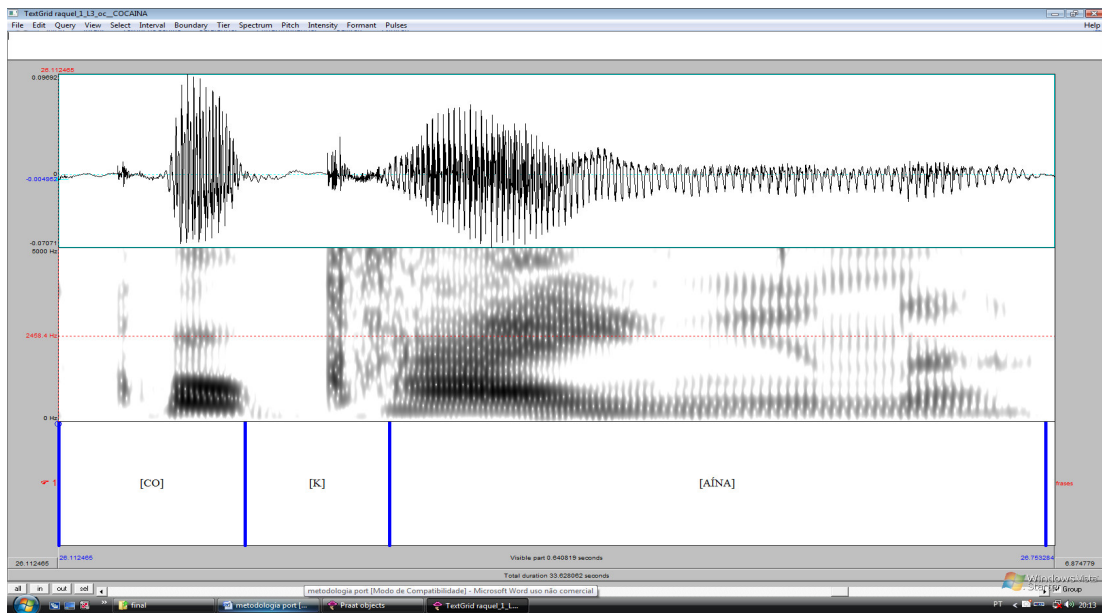


FIGURA 4: Sinal sonoro, espectrograma, e marcação do tempo de silêncio da oclusiva não vozeada /k/ na grade de texto.

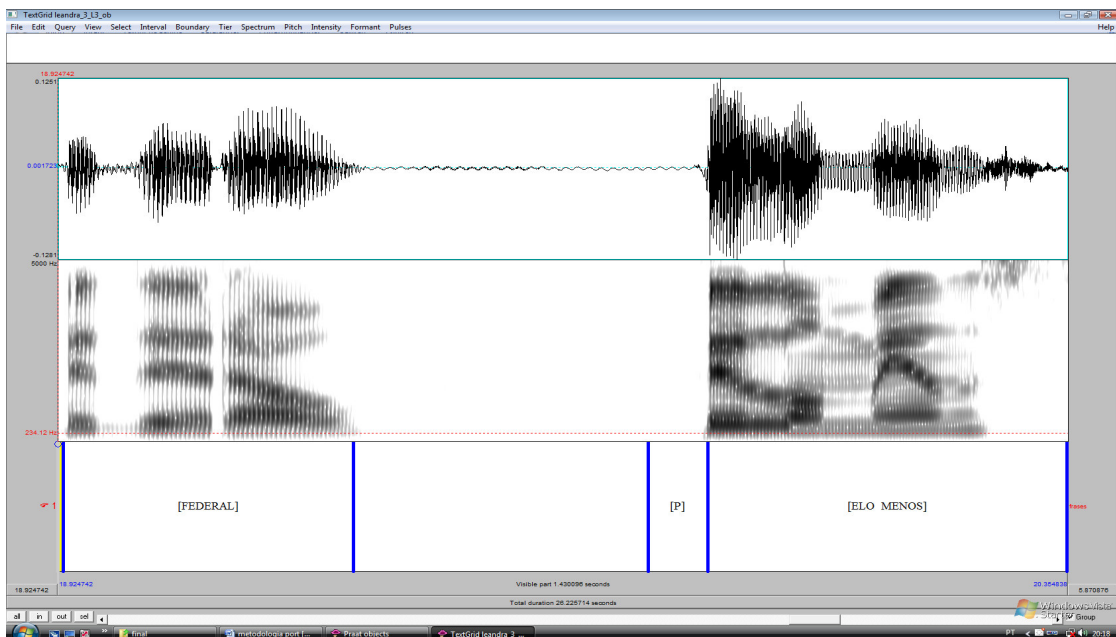


FIGURA 5: Sinal sonoro, espectrograma, e marcação de pausa precedente à oclusiva não vozeada /p/ na grade de texto.

As pausas foram descritas por meio de sintaxe de superfície e foram classificadas conforme mostra a seguir:

{0} – fronteira que separa os constituintes sintagmáticos de um sintagma maior.

{1} – fronteira entre dois sintagmas.

{2} – fronteira de sentença subordinada, coordenada ou sintagma topicalizado.

{3} – fronteira de sentença independente.

Essa classificação ainda ocorreu como pausas:

- em fim de sentença: {3};
- dentro de sentença: {0}, {1} e {2}.

Essas classificações podem ser visualizadas no anexo 3.

Na análise das pausas, foram eliminadas duas pausas do *off a) 8*, realizado pela telejornalista, pois haviam sofrido efeito de edição de modo que impossibilitou a coleta precisa dos dados. Essa eliminação aconteceu após consenso entre os três pesquisadores. A classificação do tipo de pausa foi realizada pela pesquisadora e pelo orientador.

As pausas também foram classificadas como breves, médias e longas, adotando-se o critério estabelecido por Valente (2003), uma vez que a pesquisa foi realizada em adultos brasileiros e em material de fala de leitura.

5.5 Análise estatística

A análise estatística foi realizada com o auxílio dos programas Minitab versão 15 e Microsoft Excel[®] 2000. Foram analisados 18 *off's* realizados pelo GC e 18 *off's* realizados pelo GE, totalizando-se o tempo de elocução de aproximadamente 5 minutos e 28 segundos para o GC e de aproximadamente 5 minutos e 38 segundos para o GE.

Para este trabalho, foi realizado o teste não paramétrico de Wilcoxon, pois é um teste pareado. A mediana de diferença estimada (positiva ou negativa) indica o quanto os grupos se diferenciaram em cada variável analisada. Neste estudo, o valor positivo representa o grupo controle e o valor negativo representa o grupo experimental.

Também foi realizado o teste não paramétrico de Kruskal - Wallis com o objetivo de comparar as medianas de pausas dentro de cada tipo de pausas. Esse teste também foi utilizado para comparar as diferenças entre os grupos para as variáveis: número de sílabas, tempos de articulação e de elocução e das taxas de articulação e elocução.

O objetivo da ANOVA, neste trabalho, foi verificar a possível interação entre grupo e duração de pausas.

O z-score foi utilizado, em conjunto com gráficos de linhas, para diagnosticar casos em que a variação de um ponto é discrepante se comparado aos demais. As maiores variações acontecerão se os valores ultrapassarem os limites 2 e -2.

Teste de Levene objetiva verificar se a variação dos dados é semelhante (ou não) entre os grupos.

A Correlação de Pearson foi realizada para medir o grau de associação linear entre duas variáveis, a duração média de seqüências sonoras com o número de pausas e com o número de seqüências sonoras.

Para todos os testes, o nível de significância adotado foi de 0,05.

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo, apresentaremos e discutiremos os dados que foram obtidos em cada grupo, e através da comparação entre os grupos. As variáveis estudadas foram: velocidade de fala, pausas, localização das pausas e seqüências sonoras.

Neste trabalho, as pausas receberam a classificação em 4 tipos (0, 1, 2 e 3), de acordo com a estrutura sintática na frase (sintaxe de superfície - conforme mostrado na metodologia). No GC foram selecionadas as melhores leituras, que possuíam apenas pausas silenciosas ou pausas de respiração. No GE, por haver edição dos dados (realizados previamente pela emissora de televisão), a locução que vai ao ar contém, em alguns momentos, ruído de fundo relacionado ao conteúdo da reportagem, por exemplo, som de carros para a que anuncia acidente no anel rodoviário, barulho de água para a que relata a queda de uma barragem.

Desta forma, neste estudo, trabalhou-se somente com as pausas em que não se observou efeito de edição. Duas pausas realizadas no *off 8 a* do GE e do GC não foram analisadas por terem apresentado efeitos de edição no GE. Estas pausas foram identificadas inicialmente pela percepção auditiva e posteriormente visualizadas no sinal sonoro.

6.1. Velocidade de fala

TABELA 1: Valores de tempo de articulação e tempo de elocução, em segundos, para os *off's* no grupo controle e grupo experimental.

off	GC		GE	
	TE	TA	TE	TA
1a	21,034	18,859	21,068	19,369
1c	31,456	27,86	31,661	29,428
2a	18,434	16,382	22,599	20,262
2c	6,218	5,996	8,391	7,823
2e	1,92	1,812	2,397	2,256
3a	9,735	8,871	9,589	8,889
3b	24,842	22,48	25,645	24,177
4a	14,813	12,469	14,166	12,973
4b	26,171	22,091	23,868	20,466
5a	16,397	14,978	17,283	15,17
5b	34,346	29,573	40,225	35,941
6a	20,822	18,123	20,266	18,262
6b	15,829	13,927	15,646	14,025
6c	13,234	11,229	13,148	11,818
7a	15,782	14,828	17,775	16,435
7b	11,541	10,743	12,977	11,903
8a	25,142	21,987	25,914	23,77
8b	14,813	12,826	16,004	13,6
total	322,529	285,034	338,622	306,567

Nessa tabela, observa-se TA e TE maiores para o GE. Os *off's a* foram os maiores das reportagens nos *off's* 2,6,7 e 8 e menores das reportagens no *off's*. 1, 3, 4 e 5. Conforme se visualiza no apêndice c, o tempo de elocução e articulação dos *off's* pode ser relacionado ao tamanho do texto. Textos menores, normalmente, apresentarão tempos menores de leitura.

TABELA 2: Valores de taxa de articulação e taxa de elocução, em sílabas por segundo, para os *off's* no grupo controle e no grupo experimental.

off	GC		GE	
	TXE	TXA	TXE	TXA
1a	5,18	5,78	4,98	5,42
1c	5,31	5,99	5,27	5,67
2a	6,18	6,96	5,09	5,68
2c	6,11	6,34	4,53	4,86
2e	5,73	6,07	5	5,31
3a	5,24	5,75	5,31	5,74
3b	5,27	5,82	4,99	5,29
4a	4,66	5,53	4,8	5,24
4b	4,43	5,25	5,03	5,86
5a	6,4	7,01	6,13	6,99
5b	5,97	6,93	5,3	5,93
6a	5,62	6,42	5,89	6,46
6b	5,4	6,2	5,4	6,06
6c	5,52	6,5	5,63	6,26
7a	5,7	6,07	5,23	5,66
7b	5,63	6,05	5,01	5,46
8a	5,36	6,14	5,21	5,68
8b	4,73	5,46	4,31	5,07

Pela tabela, observa-se que o GC apresentou maiores taxas de articulação e de elocução evidenciando maior velocidade de fala para este grupo. Observa-se também que para os dois grupos, de todos os *off's*, o *off 5 a* foi o que apresentou maiores valores para TXA e TXE. Esse achado será discutido posteriormente.

TABELA 3: Média em segundos dos tempos de articulação e elocução para GC e GE.

variável	GC	GE
	média	média
TA	15,84	17,03
TE	17,92	18,81

Observa-se pela tabela 3 que o grupo experimental apresentou maiores médias de tempo de articulação e tempo de elocução, mostrando que cada *off* tem aproximadamente 17,03 segundos de tempo de articulação e 18,81 segundos de tempo de elocução (TA acrescido de pausas).

TABELA 4: Média, mínimo e máximo, em sílabas por segundo, das taxas de articulação para o GC e GE.

	Mínimo	Média	Máximo
GC	5,3	6,1	7
GE	4,9	5,7	6,9

Nessa tabela, verifica-se que os valores médios para a taxa de articulação foram de 6,1 síl/s para o GC e de 5,7 síl/s para o GE.

TABELA 5: Média, mínimo e máximo, em sílabas por segundo, das taxas de elocução para o grupo controle e grupo experimental.

	Mínimo	Média	Máximo
GC	4,4	5,5	6,4
GE	4,3	5,2	6,1

Observa-se taxa de elocução média de 5,5 síl/s para o GC e 5,2 síl/s para o GE.

Nas tabelas acima, verificam-se valores de média, mínimo e máximo sempre mais elevados para o GC, evidenciando a maior velocidade de fala para esse grupo.

Valente (2003) encontrou para a leitura de adultos brasileiros médias de 5,52 síl/s para a taxa de elocução e 6,42 síl/s para a taxa de articulação. Já para o relato a autora encontrou médias de 4,40 síl/s para a taxa de elocução e 5,38 síl/s para a de articulação. Celeste *et al* (2006) encontrou na leitura e no relato de crianças brasileiras, médias de 4,8 e 5,2 síl/s para a taxa de articulação respectivamente. Fant, Nord & Kruckemberg, (1987), em leitura de sentenças realizadas por adultos ingleses, encontraram para a taxa de elocução o valor médio de 5 síl/s.

Guaitella, Lavoie & Tetreault, (1995), que compararam a fala espontânea (realizada a partir do diálogo entre duas pessoas) e a leitura, obtiveram para a taxa de elocução 6,17 e 6,07 síl/s para cada informante na fala espontânea e de 5,56 e 5,39 síl/s para cada informante na leitura. Verhoeven, Pauw & Kloots (2004), encontraram, na fala espontânea para informantes provenientes da Bélgica e dos Países Baixos, taxas de articulação de 4,23 e 5,05 síl/s e taxas de elocução de 4,00 e 4,23 síl/s, respectivamente.

Nos trabalhos acima, observa-se que as médias obtidas são mais semelhantes às encontradas para leitura (em adultos) para o GC, exceto para o estudo de Guaitella em que os dados de leitura se aproximam mais dos obtidos, em nossa pesquisa, para o GE.

Borges (2008), em estudo realizado com cinco estagiários de telejornalismo em TV universitária, obteve valor mínimo de 6 e máximo de 7,31 síl/s para taxas de elocução e 6,45 à 7,44 síl/s para as de articulação quando em leitura de *off*. Estes valores não se aproximam dos valores mínimo e máximo encontrados para o GE, estando mais próximos para os achados do GC em nosso estudo. Provavelmente este dado possa ser justificado pelo fato de os participantes não serem ainda profissionais e, assim, não possuírem uma leitura telejornalística.

Há diferença de velocidade de fala entre as profissões (Malécot *et al.*, 1972 *apud* Verhoeven, Pauw & Kloots, 2004), o que justifica as diferenças na velocidade de fala entre o GC e GE. A amostra do GC é composta de fonoaudiólogas e professoras graduadas em letras e a amostra do GE é composta de telejornalistas formadas e já atuantes na profissão há mais de cinco anos.

TABELA 6: Mediana e valor de significância da diferença entre as variáveis NS, TA, TE, TXA e TXE dos grupos GC e GE.

variável	Mediana	P
NS	-0,50	0,463
TA	-0,96	0,002
TE	-0,67	0,050
TXA	0,39	0,003
TXE	0,27	0,022

Teste de Wilcoxon

O tempo de articulação e o de elocução do GE são maiores em 0,96 e 0,67 segundos respectivamente ($P < 0,05$) quando comparados ao GC. Conseqüentemente espera-se que apresente taxas de articulação e de elocução menores que o GC, fato que aconteceu com valores medianos de 0,39 e 0,27 sílabas por segundo respectivamente.

Para o número de sílabas, não encontramos diferenças entre os grupos estatisticamente significativas.

O telejornalista é orientado a pronunciar melhor as palavras, a ter uma melhor articulação. Deve possuir articulação clara e precisa, não deve haver troca de sons, nem distorções ou imprecisões que dificultem a compreensão (KYRILLOS, COTES & FEIJÓ, 2003). Em seu estudo, Gama (2003) observa precisão articulatória na leitura de *off's* pelos telejornalistas. Assim, acredita-se que o maior tempo de articulação e de elocução se deva a essa necessidade maior de tempo para executar a tarefa motora de articulação dos sons.

Devido ao maior tempo de articulação e de elocução para o GE, encontra-se menor TXA e TXE para esse grupo, já que as variáveis tempo e taxa são inversamente proporcionais.

Pelos resultados apresentados, verificam-se tempos de articulação e de elocução maiores para os telejornalistas, evidenciando-se a necessidade de maior tempo deste grupo para articular os sons e maior tempo para realizar a elocução. Esta característica pode ser utilizada como estratégia para favorecer a compreensão da notícia pelos telespectadores. Vale ressaltar que o horário de transmissão do telejornal é ao meio-dia e que possui uma grande variedade de telespectadores em relação à faixa etária e nível sócio-cultural.

TABELA 7: Sílabas fonéticas possíveis e realizadas para o GC e GE.

off	Realizadas		Possíveis
	GC	GE	Número
1a	109	105	109
1c	167	167	167
2a	114	115	116
2c	38	38	39
2e	11	12	12
3a	51	51	51
3b	131	128	131
4a	69	68	69
4b	116	120	120
5a	105	106	107
5b	205	213	213
6a	117	118	118
6b	86	85	86
6c	73	74	74
7a	90	93	93
7b	65	65	65
8a	135	135	135
8b	70	69	70
total	1752	1762	1775

Observa-se, pela tabela 7, que o GE realizou um maior número de sílabas, totalizando-se em 99,27 % das possíveis. Assim, esse grupo também possui um tempo de articulação maior (conforme se visualiza nos resultados apresentados anteriormente)

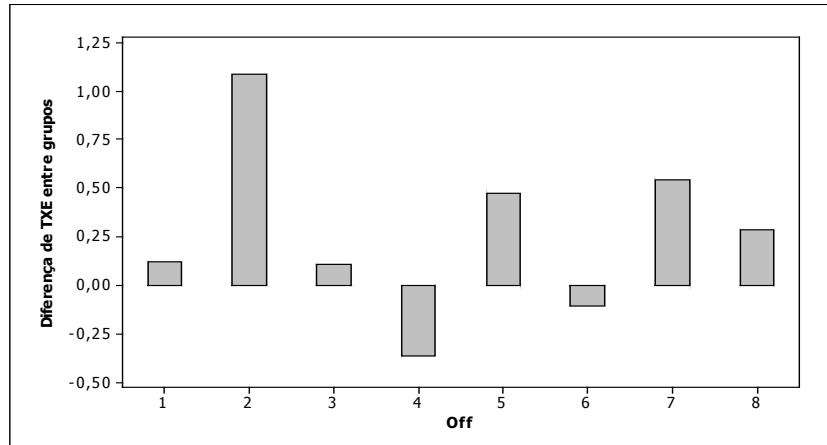
TABELA 8: Comparação entre as diferenças das variáveis NS, TA, TE, TXA e TXE nos *off's* do grupo controle e do grupo experimental.

variável	P
NS	0,350
TA	0,454
TE	0,051
TXA	0,123
TXE	0,034

Teste Kruskal- Wallis

Nesse teste, verificamos se a diferença entre os grupos é maior dentro de algum *off* ou se podemos dizer que a diferença observada entre os dois grupos é semelhante em todos os *off's*. Observa-se que há diferença estatisticamente significativa apenas para a taxa de elocução ($p < 0,05$). Entretanto, para a variável TE, encontramos um valor quase significativo. Não há nas demais variáveis um *off* que seja destacável no grupo.

Para verificar qual *off* e qual grupo apresentou maior diferença na taxa de elocução, realizou-se o cálculo da diferença entre os grupos observada no gráfico a seguir. Os valores positivos referem-se aos encontrados para o grupo controle e os valores negativos estão relacionados ao grupo experimental.



Diferença entre GC e GE

GRÁFICO 1: Variação entre os *off's* do GC e GE para a taxa de elocução.

Nesse gráfico pode-se verificar o *off* e o grupo em que houve maior variação na TXE. Observa-se que a maior variação foi para o GC no *off* 2, ou seja, este *off* apresentou maior diferença entre os grupos comparado aos outros *off's*.

A partir desses dados, verifica-se que a informante do GC que realizou o *off* 2 apresentou uma diferença de 1 síl/s a mais em sua leitura, quando comparado ao GE. Assim, essa informante tem uma velocidade de fala maior, quando comparado à informante do GE. Observa-se também que há uma tendência de o GE apresentar valores menores para a taxa de elocução, exceto para os *off's* 4 e 6 que apresentaram taxa de elocução maiores nesse grupo.

Nos gráficos a seguir é possível verificar se houve variação da taxa de elocução e da taxa de articulação dentro de cada grupo. Para ser considerada como uma variação significativa, os valores deverão estar fora do intervalo 2 /-2.

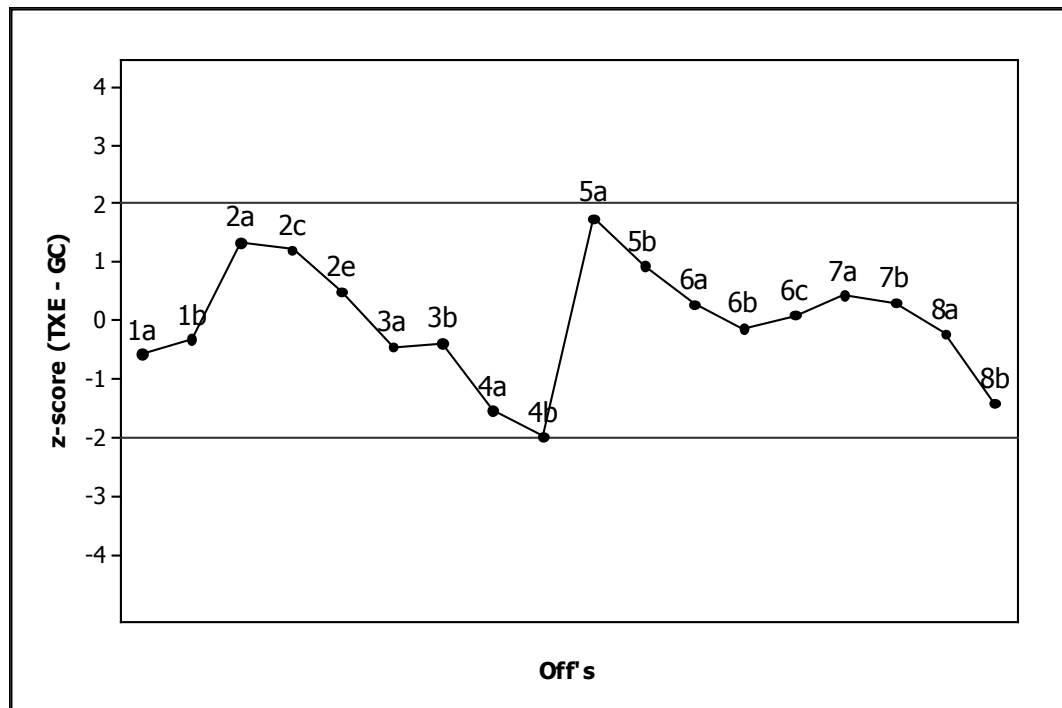


GRÁFICO 2: Variação da taxa de elocução para cada *off* do GC.

Nesse gráfico de linhas, observa-se que não houve diferenças significativas para a TXE no grupo controle, havendo, assim, uma homogeneidade para essa variável para todos os informantes. Isso não significa que não haja diferenças dentro dos grupos. Os *off's* 2, 4 e 5 apresentaram a maior variação dentro da amostra.

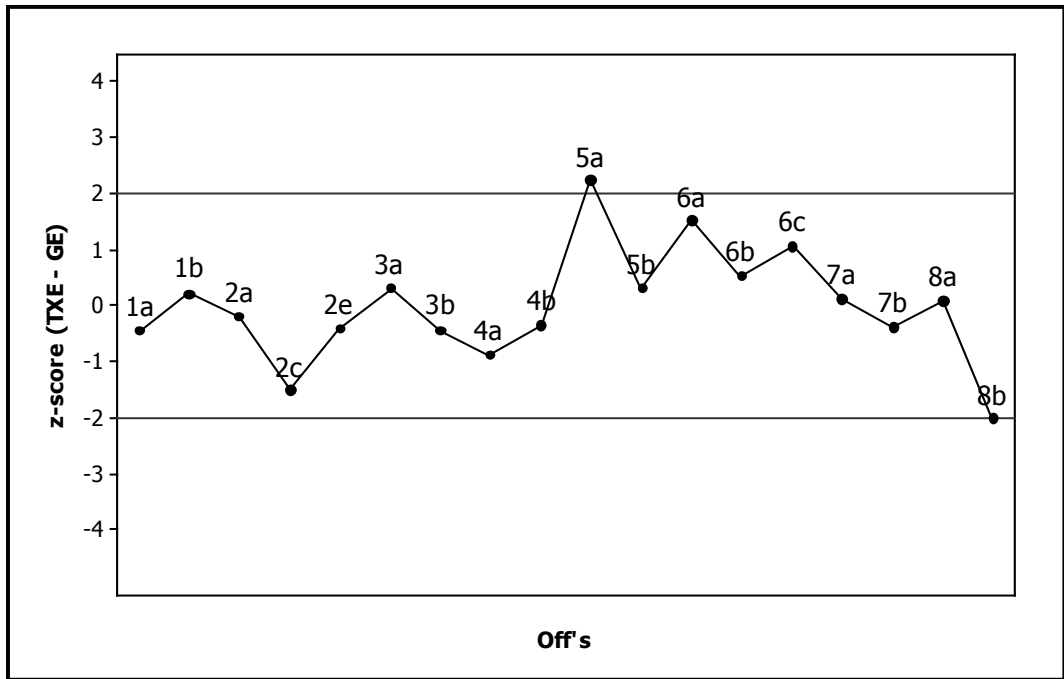


GRÁFICO 3: Variação da taxa de elocução para cada *off* do GE.

O gráfico 3 mostra que houve uma variação no grupo experimental na variável TXE. Assim, observa-se que os *off's* 5a e 8b apresentaram maior diferença no grupo (valores maiores que 2 e -2)

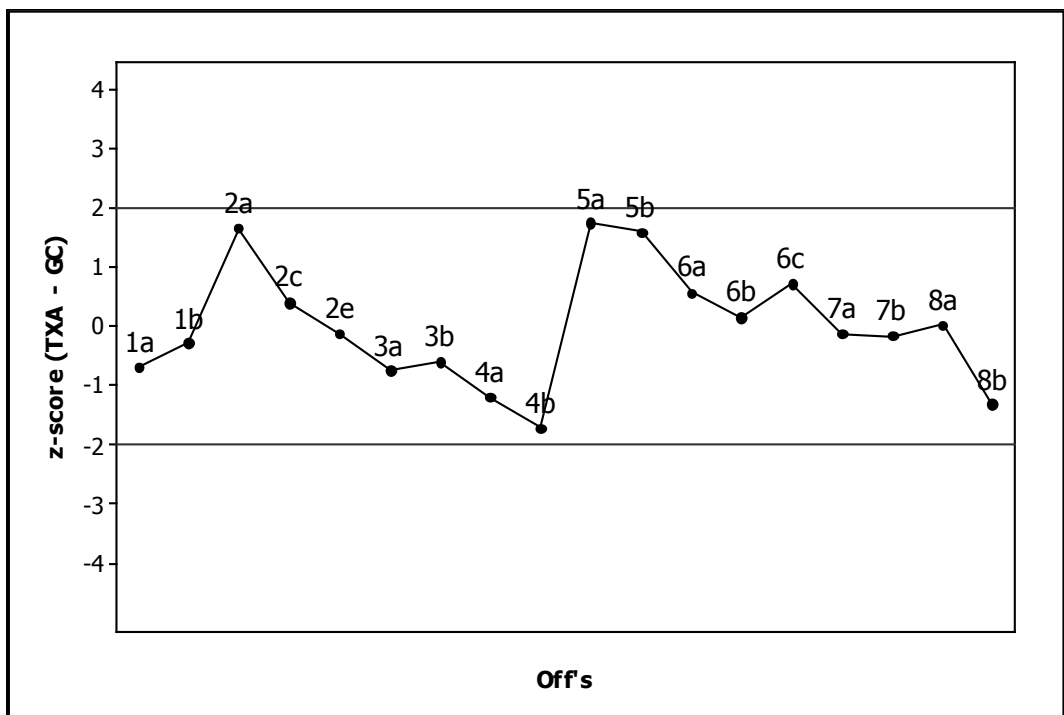


GRÁFICO 4: Variação da taxa de articulação para cada *off* do GC.

No gráfico 4, pode-se observar que não há variação significativa no grupo controle para a variável TXA, ou seja, há uma homogeneidade no grupo para essa variável. Entretanto, os *off's* 2, 4 e 5 apresentaram maiores variações na amostra, conforme também se observa para a TXE.

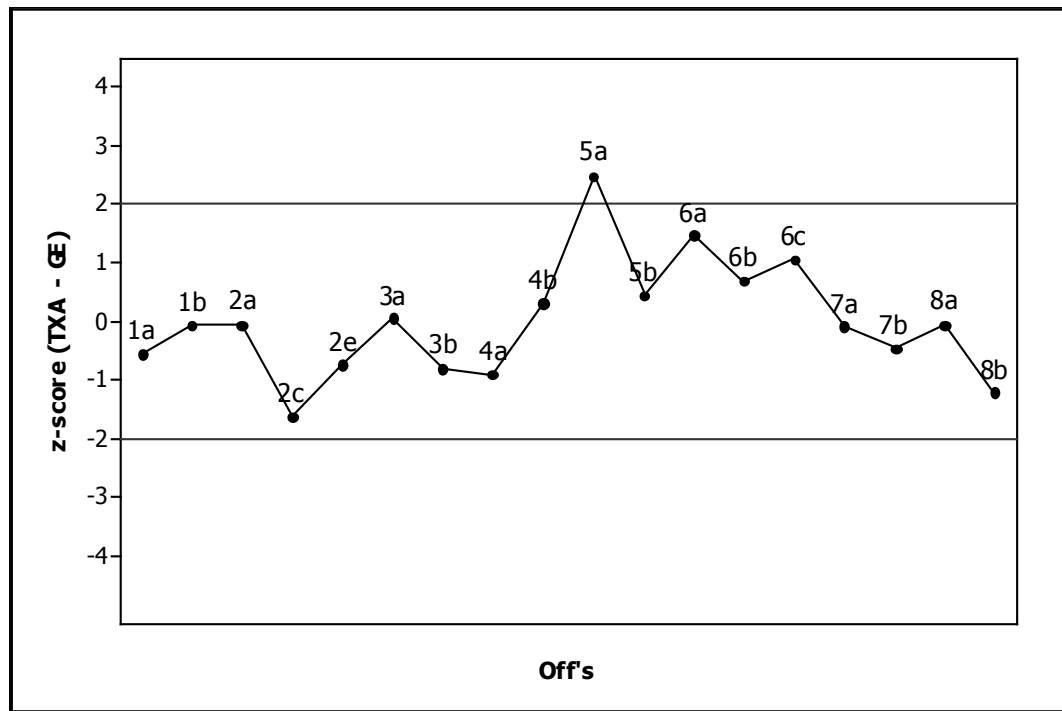


GRÁFICO 5: Variação da taxa de articulação para cada *off* do GE

Nesse gráfico, é possível verificar a presença de variação dentro do grupo experimental para a TXA para o *off* 5 a (valor maior que 2). Isso nos mostra que esse *off* apresenta uma diferença maior dos valores de TXA dentro desse grupo. Esse *off* também apresentou uma maior variação para a TXE.

Pelos gráficos 2, 3, 4 e 5 verifica-se que, mesmo havendo um *off* que se destacou do grupo apresentando maior variação (*off* 5 a), o GE apresenta um traçado mais regular, revelando um comportamento com menor variação para a leitura dos *off's* quando comparado ao GC.

Nas tabelas 2 e 4 verifica-se que o grupo controle apresentou uma maior variação nos *off's* 2, 4 e 5. Acredita-se que isso aconteça devido ao menor domínio, deste grupo, em ler textos menos coesos. Ou seja, a velocidade de fala estaria relacionada a propriedades textuais. Entretanto, estudos futuros poderão contemplar melhor esta hipótese.

Na tabela 2, também é possível verificar valores maiores de TXA e TXE para o *off* 5 a nos dois grupos. Diante do exposto, surge o questionamento: há alguma característica específica no *off* 5 a que o diferencia dos demais? Conforme se visualiza no apêndice c, esse *off* não é o maior em tamanho, o que poderia justificar ter um número grande de sílabas. Ele também não apresenta os menores valores de TA e TE, conforme se observa na tabela 2. Não se pode dizer que a variação é individual, pois a leitura do *off* 5 b foi realizada pela mesma informante em cada grupo.

Acredita-se que possa haver uma função enfática dentro da reportagem, já que ele foi o primeiro dos *off's* lidos da reportagem. Segundo Gonçalves (1997), dentro de um processo comunicativo, a ênfase pode ser definida como o ato de ressaltar, acentuar, focalizar, pôr em evidência um determinado item do texto. Reis (2005) afirma que cabe ao apresentador, como acontece na leitura de uma maneira geral, definir qual a palavra ou expressão colocar em destaque.

Como se observa na tabela 2, e nos gráficos 2, 3, 4 e 5 em geral, os *off's* a apresentaram valores maiores para as TXA e TXE (como pode ser visualizado nos *off's* 2, 5, 6, 7 e 8 esses valores foram maiores nos dois grupos), o que confirma a função enfática desses *off's* dentro da reportagem.

6.2 Pausas e seqüências sonoras

TABELA 9: Duração e número de pausas, em segundos, para cada *off* do GC e GE.

off	GC		GE	
	duração	número	duração	número
1a	2,175	6	1,699	6
1c	3,596	12	2,233	12
2a	2,052	6	2,337	8
2c	0,222	2	1,108	4
2e	0,108	1	0,141	1
3a	0,864	2	0,7	2
3b	2,362	8	2,338	7
4a	2,344	5	1,193	5
4b	4,08	12	3,402	14
5a	1,419	3	2,113	9
5b	4,773	8	4,284	16
6a	2,699	9	2,004	7
6b	1,902	5	1,621	5
6c	2,005	6	1,33	6
7a	0,954	3	1,34	7
7b	0,798	2	1,074	5
8a	3,155	8	2,114	8
8 b	1,987	8	2,404	10
Total	37,495	106	33,435	132

Nessa tabela, observa-se que o GC apresentou maior duração total de pausas. Já o grupo experimental apresentou 26 pausas a mais.

TABELA 10: Média, mínimo e máximo para duração de pausas do GC e GE.

	Média	Mínimo	Máximo
GC	0,3537	0,043	1,161
GE	0,2520	0,035	0,553

Na tabela 10, observa-se que para o GE os valores de média, mínimo e máximo são sempre menores, ou seja, o GE apresenta menor duração média para as pausas, com uma diferença média de 0,1017 segundos. A diferença entre os valores máximo entre os grupos é de 0,608 segundos

Em relação às pausas silenciosas, discute-se na literatura qual seria a duração mínima do silêncio para que seja considerado pausa. Illes, Nespoulos & Lecours (*apud* Davis & Leon 1989) estabeleceram o valor de 150 ms. Laver (1994) determina o valor de 200 ms, Goldman-Eisler (1968) *apud* Yacovenco (2000) estabelece a duração de 250 ms e para Hadar, Wenkert – Olenik, Krauss e Soroker (1998) a duração mínima é de 300 ms. Nesses estudos, não foram relacionados os valores atribuídos ao tempo de silêncio das consoantes oclusivas a serem subtraídos da pausa silenciosa, exceto para o trabalho de Laver que considera o tempo médio de 180 ms como tempo de silêncio das oclusivas. Em nosso trabalho, foram encontradas pausas com menor duração, chegando-se aos valores mínimos de 43 e 35 ms para o GC e GE, respectivamente. Vale ressaltar que em todas as pausas antecedidas de oclusivas foi subtraído em 90 ms o valor referente ao tempo de silêncio médio das oclusivas encontradas na amostra. Todas as pausas foram identificadas inicialmente através da percepção auditiva pelos três pesquisadores e localizadas no sinal sonoro, de onde se extraíram manualmente todas as durações.

Reis *et al* (2008), em estudo com indivíduos brasileiros, idosos, portadores da doença de Parkinson, encontraram para o grupo experimental sem o uso de medicamento para a doença o valor mínimo de 23 ms e máximo de 2,118 segundos para a pausa silenciosa, na fronteiras 3 (fronteira de sentença independente) e 2 (fronteira de sentença subordinada, coordenada ou sintagma topicalizado) respectivamente. Para o grupo controle (idosos sem a doença), o valor mínimo foi de 26 ms e máximo de 1,821 segundos para fronteira tipo 3.

Apesar de nossa amostra não contar com indivíduos idosos, portadores, ou não, da doença de Parkinson, e sim com sujeitos adultos, os valores mínimo e máximo se aproximam dos encontrados.

TABELA 11: Número e porcentagem de pausas dentro e em fim de sentenças para cada grupo.

		GC	GE
Dentro de sentenças	N	56	86
	%	52,83	65,15
Fim de sentença	N	50	46
	%	47,17	34,85
Total	N	106	132
	%	100%	100%

Nessa tabela, verifica-se que 52,83% das pausas no GC aconteceram dentro de sentenças e que 65,15% das pausas do GE também ocorreram dentro de sentenças.

Confirma-se a hipótese de haver maior número de pausas dentro de sentenças para o GE. Acredita-se que elas possam ser importantes na organização rítmica e marcadoras de ênfases no texto. Madureira (1992) relata que a ocorrência de pausas serve a três funções: planejamento do discurso, construção de suspense e ênfase.

No estudo de Celeste *et al* (2006), realizado com amostra de leitura de crianças brasileiras, observou-se 76% de ocorrência para pausas dentro de períodos. Já no estudo de Teixeira (2008), realizado com idosos, observa-se para o grupo controle (idosos não portadores da doença de Parkinson) um maior número de pausas entre períodos nos três tipos de leitura estudados (lenta, normal e rápida).

TABELA 12: Número e porcentagem de pausas dentro e em fim de sentenças para o GC e GE e total de pausas da amostra.

Tipo de pausa		GC	GE	Total
Dentro de Sentenças	0	N	0	1
		%	0,00	100,00
	1	N	7	11
		%	38,89	61,11
	2	N	49	74
		%	39,44	60,56
	Total	N	56	86
		%	40,14	59,86
Fim de Sentença	3	N	50	46
		%	52,08	47,92
	Total	N	106	132
		%	44,54	55,46

Nessa tabela é possível verificar que o número total de pausas da amostra foi de 238, sendo 44,54 % presentes no GC e 55,46% no GE. É possível constatar também que tanto para GC quanto para o GE a maioria das pausas aconteceu dentro de sentenças (conforme também se visualiza na tabela 11), sendo em 60,56% do total da amostra para o GE e 39,44 % do total da amostra para o GC. As pausas de classificação tipo 2 (pausas em fronteira de frase subordinada, coordenada ou sintagma topicalizado), foram as mais recorrentes em toda a amostra. Acredita-se que o maior uso deste tipo de pausas, em especial no GE (74 pausas) deva-se a fatores estilísticos (CRUTTENDEN 1986; GROSJEAN & DESCHAMPS 1972, 1973).

Já a pausa tipo 0 (pausa de fronteira que separa os constituintes sintagmáticos de um sintagma maior) teve apenas uma ocorrência. Esse fato já se esperava (pouca ou até mesmo nenhuma ocorrência), pois é mais comum pausas tipo 0 em casos em que há uma doença de base, como mostra o estudo de Duez (2005) e Reis *et al* (2008) realizados com indivíduos idosos portadores da doença de Parkinson. No estudo de Reis, observa-se uma ocorrência de aproximadamente 20% para

o grupo de indivíduos idosos portadores da doença e de aproximadamente 6,94 % para aqueles sem a doença.

Já para as pausas tipo 2, acredita-se que se apresentaram em maior número, porque a classificação realizada abrange maiores possibilidades de fronteiras. Observa-se também um número grande de sintagmas topicalizados, em especial no GE que se acredita serem usados para chamar a atenção do ouvinte para o fato a ser dito, para a imagem a ser visualizada. Conforme afirma Resende (2000), o redator de telejornalismo tem de encontrar aquela forma de expressão que torne a mensagem acessível à maior parte da audiência. Para isso, o texto é construído com base na oralidade. Torres (2005) relata que o texto é escrito para parecer fala espontânea. Resende (2000) afirma que o mais importante na relação (telespectador – telejornalista) é induzir a convicção no telespectador de que tem alguém conversando com ele e não lendo para ele.

TABELA 13: Comparação de mediana (em segundos) e nível de significância dos tipos de pausa no GC e GE.

Tipo de pausa	Grupo	Mediana	P
0	GE	0,173	*
1	GC	0,158	0,765
	GE	0,149	
2	GC	0,177	0,561
	GE	0,24	
3	GC	0,493	0,00
	GE	0,337	

Teste Kruskal- Wallis

Nessa tabela, observa-se que há uma correlação estatisticamente significativa ($p < 0,05$) entre os grupos para a pausa tipo 3, mostrando que há uma maior variação dentro do GC em relação a duração das pausas. Também se verifica (a partir da diferença entre GC e GE) que o GC apresenta aproximadamente 16 milissegundos a mais na duração dessas pausas ($0,493 - 0,337 = 0,156$ s). Nos

trabalhos de Duez (2005) e Reis *et al* (2008), realizados com idosos portadores de Parkinson, já se observa para os dois grupos (controle e experimental) durações maiores para as pausas tipo 3 quando comparadas às dos tipos 0, 1 e 2 sendo a duração maior para os indivíduos do grupo controle. Neste, a duração média de pausas (tipo 3) foi de aproximadamente 750 ms no estudo de Duez, e de 600ms no estudo de Reis.

No estudo de Grosjean & Deschamps (1975), encontraram-se em entrevistas de indivíduos franceses, valores medianos de 500 milissegundos para pausas silenciosas em fim de sentenças e 400 milissegundos para o interior de sentenças. Em nossa amostra, também foram encontrados valores maiores para pausas em fim de sentenças.

Borges (2008), em estudo de leitura de *off* realizado com 5 estagiários de telejornalismo, obteve durações médias de pausa de 0,24 segundos para o sintagma fonológico e de 0,34 segundos para o enunciado fonológico (este considerado mais alto na hierarquia de constituintes prosódicos utilizada no referido trabalho). Em nosso estudo, pode-se classificar a pausa tipo 3 como a de maior hierarquia. Assim, os valores encontrados estariam de acordo com os achados por Borges.

Na tabela 13, também se observa que todos os tipos de pausas nos dois grupos apresentam valores de pausas consideradas como médias (de 121 a 700 ms). Entretanto, nas pausas tipo 3, observam-se valores maiores (quando comparado aos demais tipos), fato que não está de acordo com Yule & Brown (1987), quando afirmam que as pausas breves relacionam-se a fronteiras de unidades maiores (fronteiras externas de constituintes), o que em nossa amostra poderia ser considerada como as pausas do tipo 3.

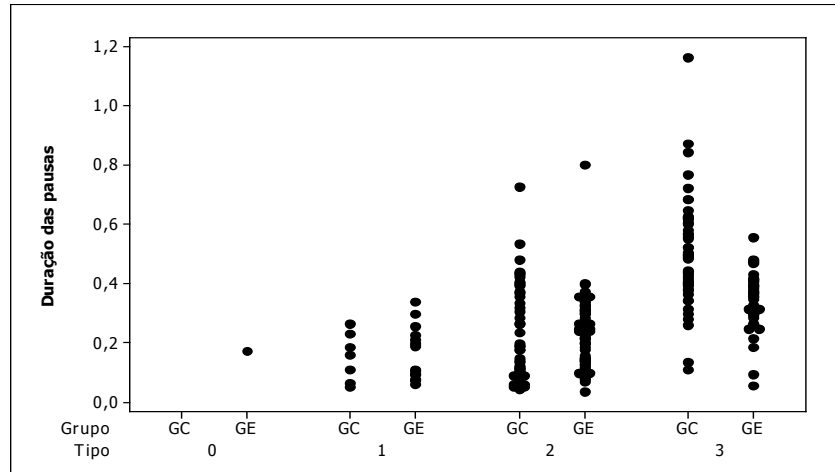
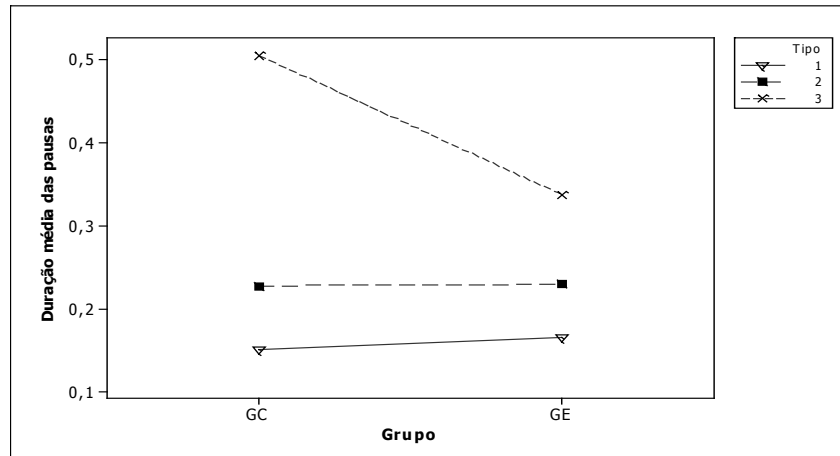


GRÁFICO 6: Representação da duração das pausas, em segundos, para o GC e o GE.

Nesse gráfico de dispersão, observa-se que pausa tipo 3 mostra maior variação se comparada as demais. Quando comparamos os grupos GC e GE, na pausa tipo 3, observa-se maior variação para o grupo controle.

Já, no GE, observa-se uma menor variação nos dados de duração tanto para a pausa tipo 2 quanto para a tipo 3. Acredita-se que isso aconteça devido ao treinamento constante de leitura dos telejornalistas, a maior familiaridade em ler esse tipo de texto já levando em consideração um tempo limitado para realizar a elocução e ainda ao conhecimento prévio e estudo do texto, uma vez que é o telejornalista, em muitas vezes, o redator da matéria. Conforme afirma Yacovenco (2000) em texto já planejado (como é o caso da leitura) há ocorrência de pausas mais breves.



Teste ANOVA ($f=11,03$; $p=0,000$)

GRÁFICO 7: Representação da interação das pausas entre GC e GE.

O teste realizado mostrou que existe uma interação entre os grupos e o tipo de pausa, sendo que a pausa tipo 3 (fim de sentença) apresentou uma queda considerável para o grupo GE. Assim observa-se que os grupos não apresentam um mesmo padrão de duração para pausas tipo 3, evidenciando-se a presença de um fator estilístico.

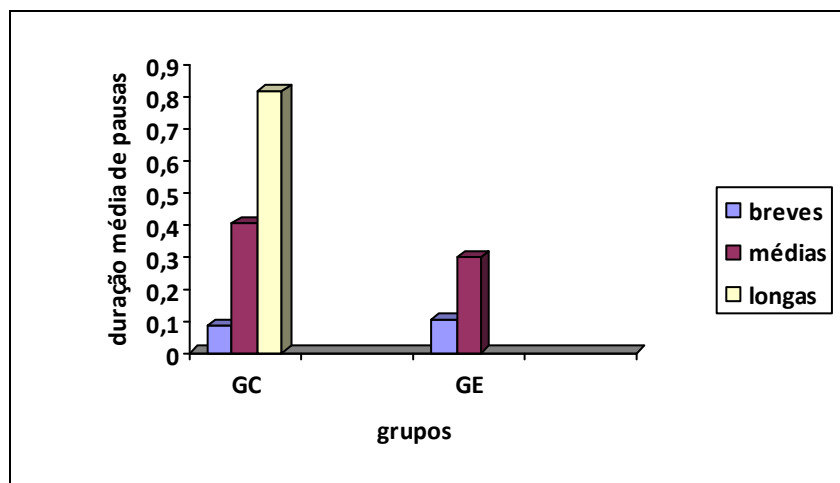


GRÁFICO 8: Tipo, média de pausa, em segundos, encontradas no GC e no GE.

Nesse gráfico, observa-se que o GC apresentou valores médios 0,082 segundos para pausas breves, 0,401 segundos para as médias e de 0,816 segundos de duração para as longas.

No GE observam-se valores médios de 0,103 segundos para as primeiras e de 0,299 segundos para pausas médias. Não foram encontradas pausas longas.

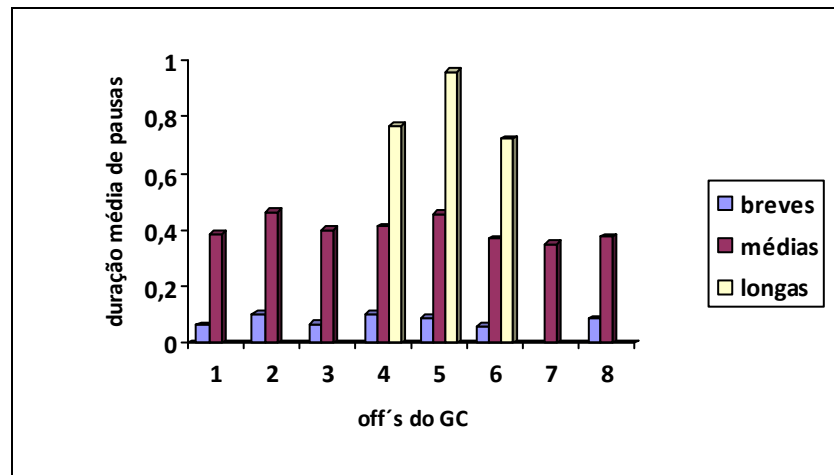


GRÁFICO 9: Tipo e média de pausas, em segundos, por *off* encontradas no GC.

Somente nas leituras dos *off's* 4, 5 e 6 foram observadas pausas longas para o GC. O *off* 7 só apresentou médias.

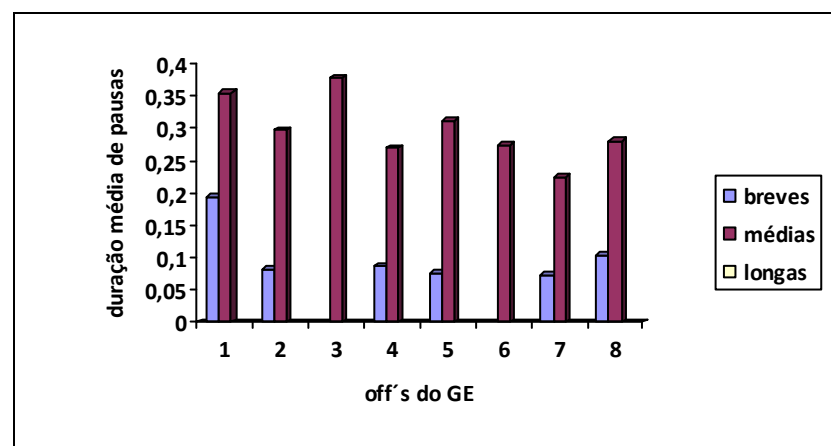


GRÁFICO 10: Tipo e média de pausas, em segundos, por *off* encontradas no GE.

Para o GE, observa-se que os *off's* 3 e 6 não apresentaram pausas breves.

TABELA 14: Número e porcentagem de pausas breves, médias e longas por *off* e por grupo

GC			GE			
breves	médias	longas	breves	médias	longas	<i>off</i>
3	14	0	7	11	0	1
5	4	0	2	11	0	2
3	6	0	0	9	0	3
3	13	1	3	16	0	4
1	7	3	6	19	0	5
5	15	2	0	18	0	6
0	5	0	4	8	0	7
3	13	0	3	15	0	8
23	77	6	25	107	0	total
21,69	72,64	5,67	18,94	81,06	0	%

Observa-se que tanto para o GC quanto para o GE as pausas médias aconteceram em maior número, sendo 81,06% das ocorrências no GC e 79,56% das ocorrências no GE. Esses achados estão de acordo com as encontrados no estudo de Valente (2003) que obteve maior número de pausas médias na amostra de leitura.

Borges (2008) encontrou, para a leitura de um *off* realizada por cinco estudantes de telejornalismo, 13 pausas longas e 6 pausas breves. Vale ressaltar que a classificação utilizada pela autora difere da utilizada no presente estudo.

Acredita-se que os telejornalistas não realizaram pausas longas por serem mais treinados nesse tipo de leitura. Essas poderiam deixar o texto com um ritmo mais cansativo para o ouvinte tirando sua atenção pela notícia. Conforme afirma Resende (2000), o grau de atenção e interesse do telespectador pelo noticiário decorre diretamente do ritmo narrativo. A apresentação de uma mensagem requer, além da clareza, um tempo uniforme. É preciso encontrar o tempo certo para

impedir que a apresentação das notícias seja lenta, a ponto de irritar e provocar dispersão, nem demasiado rápida, atropelada, de maneira a prejudicar o entendimento da mensagem transmitida.

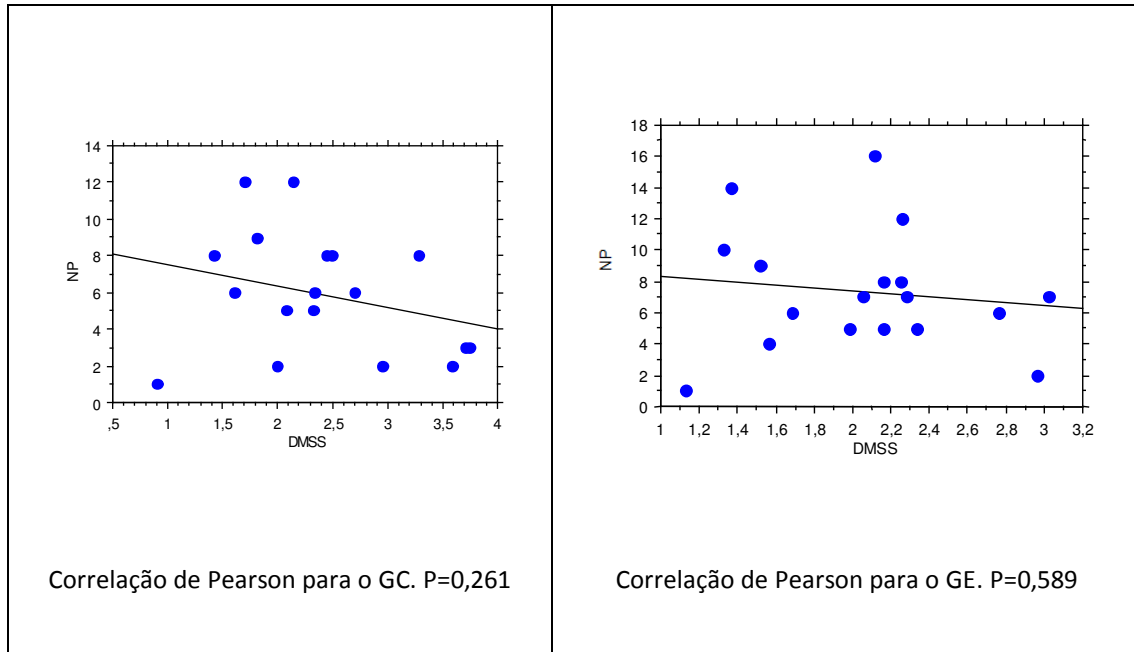


GRÁFICO 11: Correlação entre o número de pausas e duração média de seqüência sonoras para o grupo controle e para o grupo experimental.

Pelo gráfico, observa-se, nos dois grupos, que não há correlação entre as variáveis NP e DMSS, ou seja, *off's* com maior número de pausas não necessariamente apresentam seqüências sonoras de menor duração.

TABELA 15: Mediana e valor de significância da diferença entre as variáveis DMP, DMSS NP e NSS dos grupos GC e GE.

variável	Mediana	P
DMP	0,07	0,024
DMSS	0,16	0,240
NP	-1,00	0,025
NSS	-1,00	0,016

Teste de Wilcoxon

Pela tabela 15 podemos constatar que o GE produz 1 (uma) pausa e 1 (uma) seqüência sonora a mais que o GC ($P < 0,05$). Já o GC possui duração média de pausas maior em 70 milissegundos. Para a duração média de seqüências sonoras não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos.

TABELA 16: Desvio padrão e nível de significância do GC e GE na variável DMP.

	Desvio Padrão	P
Grupo GC	0,124	0,050
Grupo GE	0,055	

Teste de Levene

A duração média de pausas foi a única variável que apresentou diferenças estatisticamente significativas entre os grupos ($P = 0,05$). Observa-se que GC apresentou uma variação maior dentro do grupo (maior desvio padrão). Muito provavelmente esse aumento se atribui às pausas longas encontradas nos *off's* 4, 5 e 6 desse grupo.

TABELA 17: Comparação entre as diferenças das variáveis DMP, DMSS, NP e NSS nos *off's* do GC e GE.

variável	P
DMP	0,359
DMSS	0,105
NP	0,062
NSS	0,044

Teste Kruskal-Wallis

Nesse teste, verificamos se a diferença entre os grupos é maior dentro de algum *off* ou se podemos dizer que a diferença observada entre os dois grupos é semelhante em todos os *off's*. Observa-se que há diferença estatisticamente significativa apenas para o número de seqüências sonoras ($p < 0,05$). Não há nas demais variáveis um *off* que seja destacável no grupo.

No gráfico abaixo, verifica-se qual *off* e qual grupo apresentou maior variação.

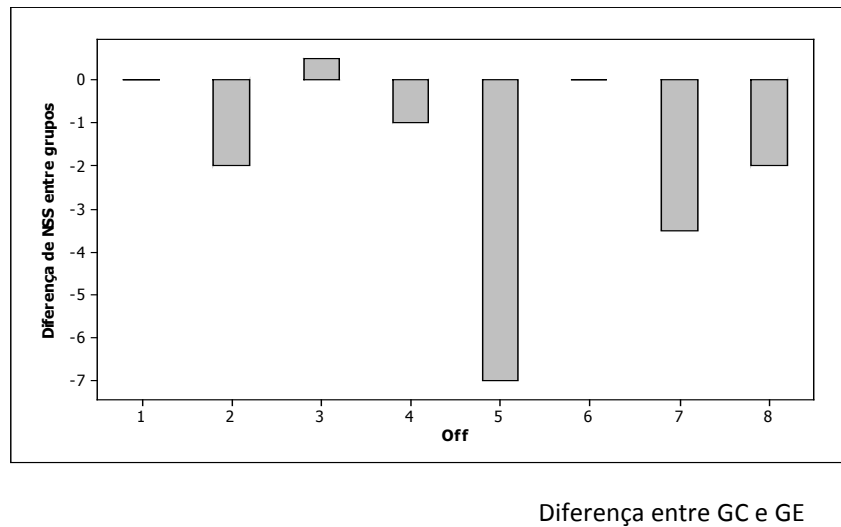


GRÁFICO 12: Variação entre os *off's* do GC e GE para o número de seqüências sonoras.

Nesse gráfico, pode-se verificar que o NSS apresentou maior variação para o *off* 5, ou seja esse *off* apresentou maior diferença entre os grupos se comparado aos outros *off's*. Observa-se que a diferença foi maior para o GE que apresentou 7 seqüências sonoras a mais que o GC.

O grupo experimental apresentou maior número de seqüências sonoras também para os *off's* 2, 4, 7 e 8. Verifica-se assim, que esse grupo segmenta mais o texto para correlacionar a imagem à narração da notícia. Sampaio (1971) e Resende (2000) já afirmavam sobre a importância de o jornalista “dosar” palavra e imagem.

TABELA 18: Duração média de seqüências sonoras, em segundos, e número de seqüências sonoras para GC e GE.

off	GC		GE	
	DMSS	NSS	DMSS	NSS
1a	2,694	7	2,767	7
1c	2,143	13	2,264	13
2a	2,34	7	2,251	9
2c	1,999	3	1,565	5
2e	0,906	2	1,128	2
3a	2,957	3	2,963	3
3b	2,498	9	3,022	8
4a	2,078	6	2,162	6
4b	1,699	13	1,364	15
5a	3,744	4	1,517	10
5b	3,286	9	2,114	17
6a	1,812	10	2,282	8
6b	2,321	6	2,337	6
6c	1,604	7	1,689	7
7a	3,707	4	2,054	8
7b	3,581	3	1,984	6
8a	2,443	9	2,161	11
8b	1,425	9	1,326	11
total	43,237	124	36,95	152

Pela tabela acima se observa que, mesmo quando os dois grupos apresentam o mesmo número de seqüências sonoras, o GE possui maior duração média, como se visualiza nos *off's 1 a, 1c, 2e, 3a, 4a, 6b e 6c*. Tal fato evidencia novamente o maior tempo despendido pelos telejornalistas para pronunciar as palavras e realizar a leitura.

Na maioria dos *off's (2 a, 2c, 4b, 5a, 5b, 7a, 7b, 8a, e 8b)* o NSS do GE foi maior, evidenciando assim a maior segmentação do texto realizada pelo GE. Conseqüentemente esse grupo apresenta maior número de pausas que o GC.

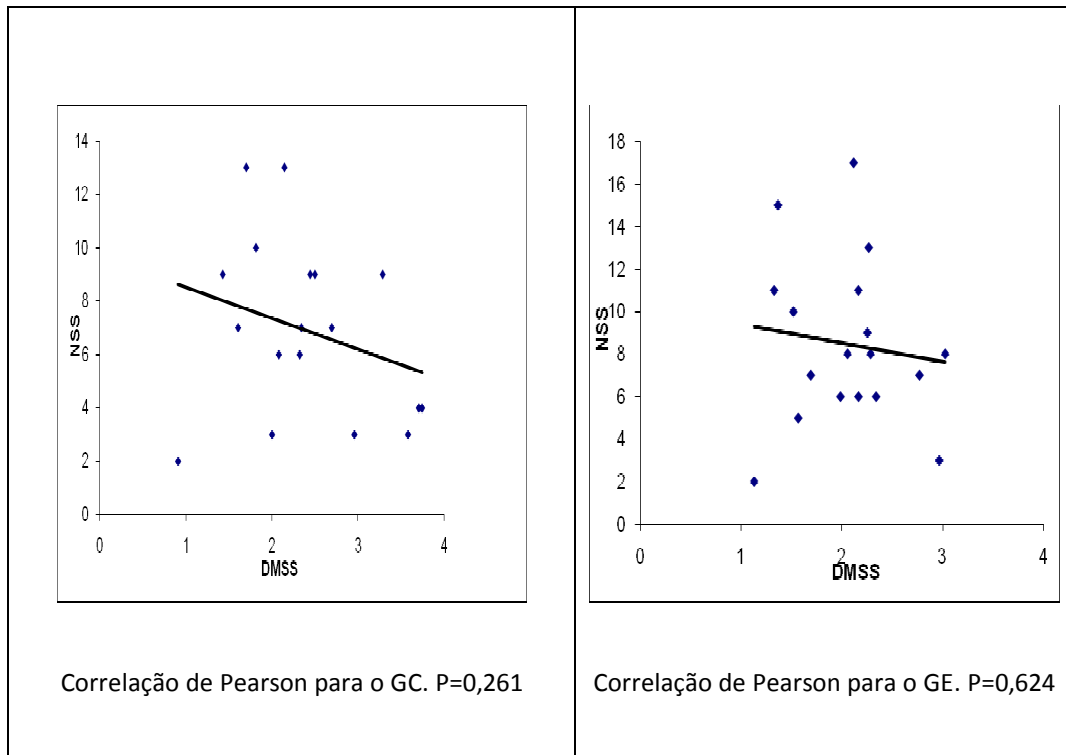


GRÁFICO 13: Correlação entre o número de seqüências sonoras e a duração média de seqüências sonoras nos dois grupos.

Pelos gráficos, observa-se que há uma correlação fraca entre o NSS e DMSS tanto para o GC quanto para o GE. Entretanto, nos dois grupos observa-se um ponto discrepante (relativo ao *off 2 e*) que compromete a análise estatística. O que se observa é uma tendência, para os dois grupos, de leituras com maior número de seqüências sonoras apresentarem menor duração média de sentenças sonoras, fato melhor visualizado para o grupo controle.

Ao se realizar a análise estatística sem a presença do dado referente ao *off 2 e*, observa-se maior correlação entre estas variáveis. Entretanto, optou-se por mantê-lo, uma vez que faz parte da análise de outras variáveis nesta pesquisa.

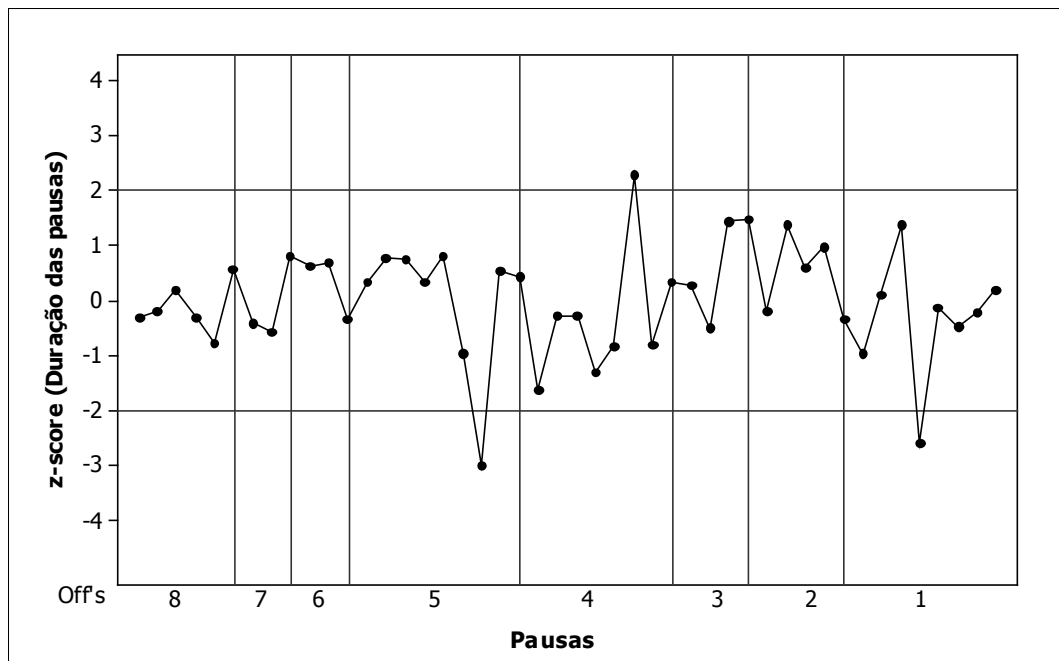


GRÁFICO 14: Variação entre os *off's* do GE para a variável duração de pausa em fim de sentença.

Pelo gráfico, observa-se que uma pausa dos *off's* 5, 4 e 1 apresentou maior variação a ponto de destacar de todo GE. Verificou-se que na do *off 1c* (0,092 segundos) e na pausa do *off 5b* (0,054 segundos) a maior variação foi em uma pausa breve. Já a do *off 4b* (0,553 segundos) apresentou o maior valor deste *off*.

Ao se observar o contexto em que estas pausas ocorreram, verifica-se que a pausa do *off 1c* ocorre no fim da sentença “doze pessoas estão na carceragem da Polícia Federal de Minas /0,092/”. Esta sentença não é longa, está no início do texto, e é seguida de um segmento topicalizado. Assim, a pausa curta possa ter ocorrido em virtude de se enfatizar o segmento seguinte.

A pausa ocorrida no *off 4b* ocorreu no contexto: “Segundo testemunhas /0,124/ um homem entrou pela garagem /0,110/ e no escritório da padaria no Belvedere /0,211/ anunciou o assalto /0,553/”. A pausa aconteceu no fim da sentença, após a palavra assalto. Verifica-se que as pausas que ocorreram

no interior da sentença apresentaram valores menores. Assim, acredita-se que esta pausa possa ter sido uma pausa respiratória.

A pausa ocorrida no *off 5b* ocorreu no fim do seguinte contexto: “ *Os policiais pularam o portão /0,310/ mas não encontraram nada /0,080/ que ajudasse nas investigações /0,246/. A ação da quadrilha foi acompanhada nos últimos três meses /0,054/. Quarenta e duas cargas /0,235/ avaliadas em quarenta milhões de reais /0,254/ ...*”. Observa-se que a sentença precedente e a sentença seguinte foram bem segmentadas, assim a pausa curta realizada pode ter sido utilizada apenas como um recurso para enfatizar o segmento seguinte.

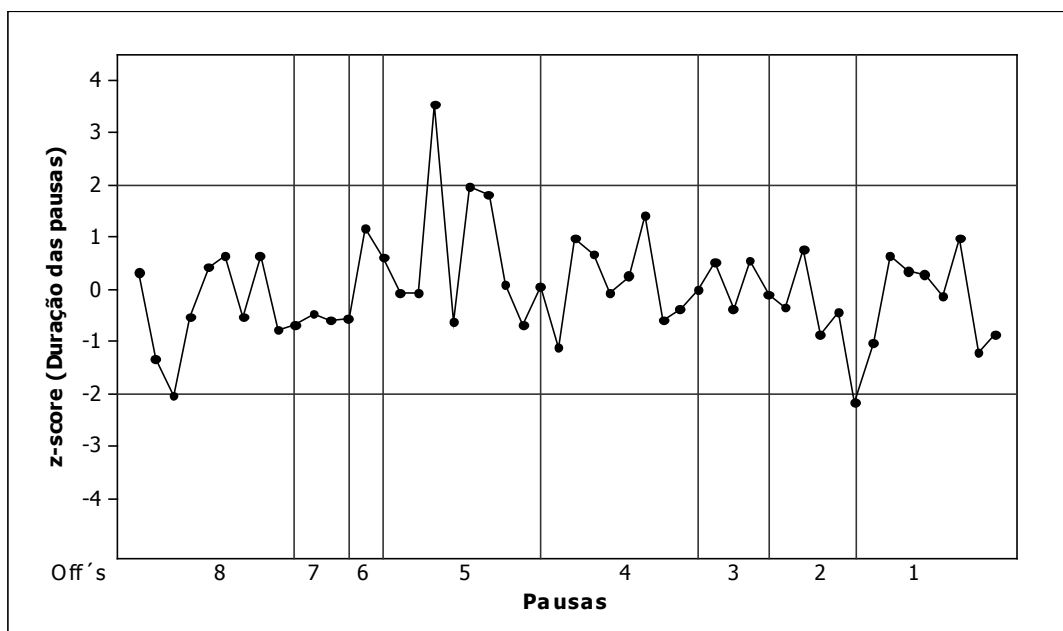


GRÁFICO 15: Variação entre os *off's* do GC para a variável duração de pausa em fim de sentença.

O gráfico acima evidencia uma maior variação de pausa em fim de sentença no *off 5* e no *off 2*. O GC apresentou um número de 50 pausas. No *off 5*, ocorreu no *off 5 b* e a pausa de maior variação foi uma longa com 1,161 segundos. No *off 2* foi uma breve, com 0,108 segundos, e ocorreu no *off 2c*.

No *off* 2 c a pausa ocorreu no fim da sentença “ Não houve feridos, mas os dois acidentes que ocorreram no sentido Vitória, pararam o anel” . No *off* 5 b, verifica-se em o “os policiais também cumpriram mandados de busca e apreensão em Contagem” . Nas duas situações, não se verifica a presença de pausas em seu interior e observa-se um leve ruído respiratório, evidenciando-se a necessidade das informantes de respirar.

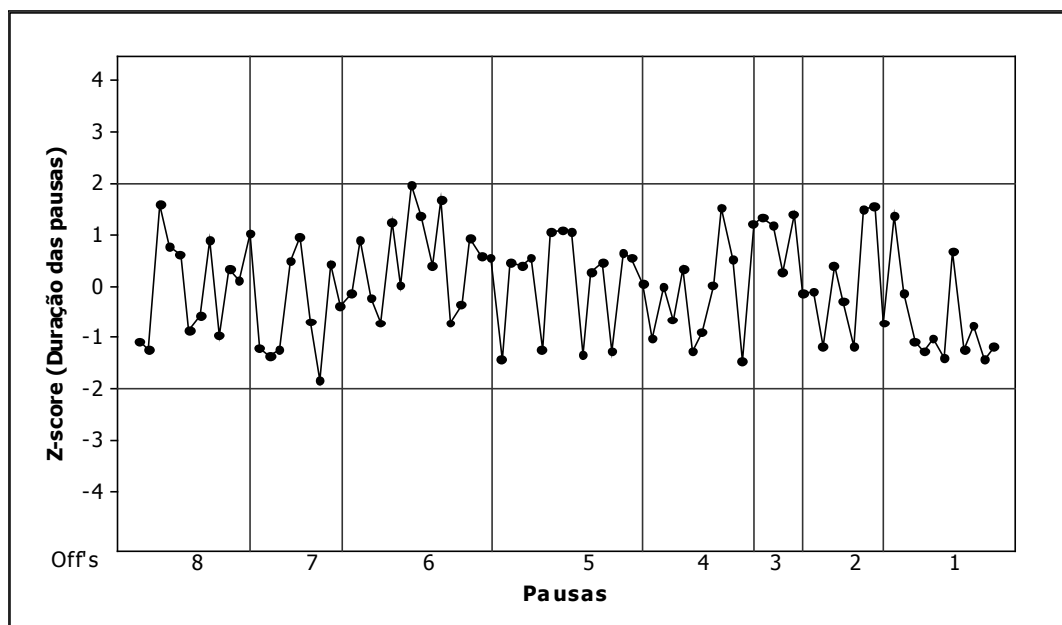


GRÁFICO 16: Variação entre os *off's* do GE para a variável duração de pausa dentro de sentença.

Nesse gráfico, verifica-se que não houve variação entre os *off's* para as pausas dentro de sentença no GE, o que caracteriza uma homogeneidade desse grupo para a realização das pausas dentro de sentenças.

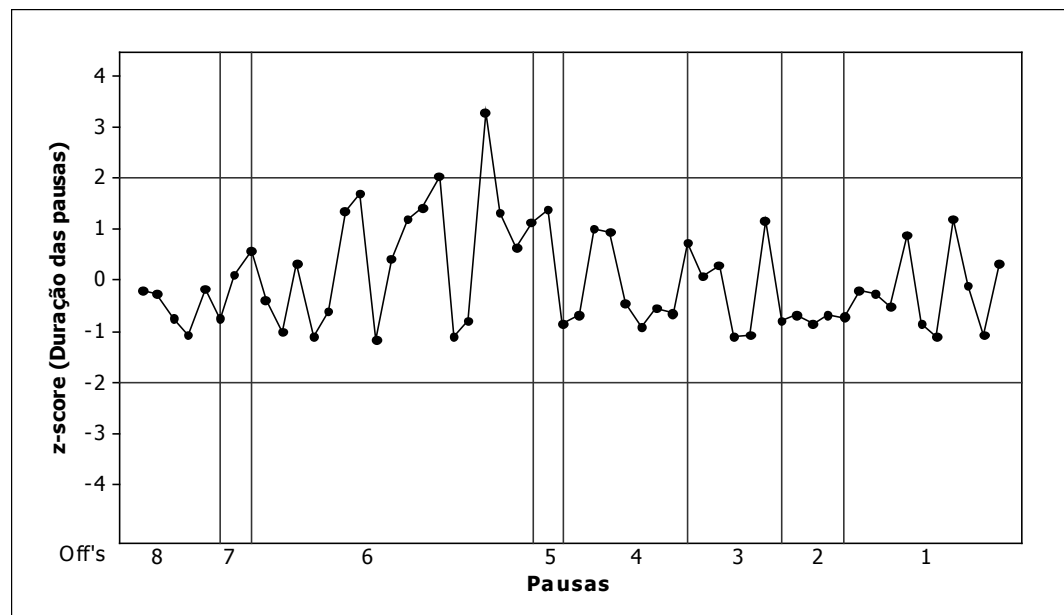


GRAFICO 17: Variação entre os *off's* do GC para a variável duração de pausa dentro de sentença.

Observa-se que apenas uma pausa, localizada dentro de sentença, realizada no *off 6* (*off 6 c*) apresentou maior variação dentro do GC. Essa pausa foi a de maior valor com 0,724 segundos, também evidenciando a necessidade de respirar, e ocorreu na sentença “*Agora, o processo será encaminhado ao ministério público eleitoral /0,724/ que de novo pode pedir à justiça...*”

Grosjean & Collins (1979) e Alves (2002), afirmam que a pausa está relacionada a fatores psicofisiológicos como a necessidade de parar para respirar. Grosjean & Collins (1979) afirmam que se a pausa deve ser curta (por diversos motivos tais como de ordem sintática), então a respiração deverá ocorrer na próxima pausa. Assim, as pausas curtas apresentadas em nosso estudo não seriam respiratórias, mas provavelmente recursos utilizados para enfatizar um segmento do texto.

Enfim, independente das variações presentes dentro dos grupos, o que se observa são comportamentos semelhantes para as pausas ocorridas para cada grupo. Entretanto, observa-se que

os telejornalistas apresentaram uma homogeneidade para a realização das pausas dentro de sentenças, evidenciando novamente o treino maior para a leitura de *off's*.

Os dados apresentados nos mostram que os telejornalistas apresentam maior número de pausas dentro de sentenças, maior número de pausas médias, menor variação para a duração média das pausas e maior número de seqüências sonoras. Estas características estão relacionadas a uma leitura mais segmentada e com um ritmo mais marcado, de modo a permitir melhor conjugação da locução da notícia com a imagem, e facilitar uma melhor compreensão pelo telespectador.

Este estudo representa uma contribuição para a fonoaudiologia e para a lingüística, mas não se pretende esgotar este assunto do qual podem surgir pesquisas futuras.

7. CONCLUSÃO

Na locução de *off's*, apenas as imagens relacionadas à notícia e à voz do locutor serão transmitidos na reportagem. Assim, o telejornalista utiliza os recursos prosódicos, entre eles os relacionados à organização temporal (objeto deste estudo), para facilitar a compreensão do telespectador. Na transmissão do *off*, o telejornalista não conta com recursos visuais relacionados a expressões faciais, à postura corporal ou mesmo a gestos das mãos para marcar a expressividade. Assim, uma voz, com boa qualidade, e o uso adequado dos recursos prosódicos tornam-se fundamentais para uma melhor leitura e transmissão da notícia.

No presente estudo, realizou-se uma investigação sobre a organização temporal na locução de *off's* de notícias factuais de telejornalistas. A partir dos resultados obtidos foi possível chegar às seguintes conclusões.

A velocidade de fala, caracterizada pelas taxas de elocução e de articulação foi menor para o grupo dos telejornalistas, confirmando-se a hipótese levantada inicialmente. Verificou-se também que o tempo médio despendido para ler cada *off* (referente aos tempos de articulação e de elocução) também foi maior para esse grupo. Esses resultados se devem ao fato de esse grupo apresentar melhor articulação dos sons, com o intuito de facilitar a compreensão da notícia pelos telespectadores.

Apesar de não ter sido estatisticamente significativa a diferença entre os grupos, observa-se uma tendência, para os telejornalistas, em apresentar maior número de seqüências sonoras e

menor duração média de seqüências sonoras. Vale ressaltar que nos *off's* em que houve o mesmo número de seqüências sonoras para os dois grupos, observa-se maior duração média para os telejornalistas. Não se confirmou, portanto, a hipótese de haver, sempre, maior duração para as seqüências sonoras no grupo de telejornalistas.

Em relação ao número e à duração média de pausas, observa-se que os telejornalistas apresentaram maior número total de pausas, com menor duração média. Esse grupo também apresentou a menor duração de pausa da amostra, a mais breve. Também se observa que os telejornalistas apresentaram maior número de pausas classificadas como médias e não apresentaram pausas como longas ou muito longas.

Os telejornalistas apresentaram, para as pausas em fim de sentença, maior duração média, confirmando-se a hipótese inicial. Tal fato também foi observado para o grupo controle, o que representa uma característica da leitura.

Confirmou-se a hipótese de haver maior número de pausas realizadas dentro de sentenças para os telejornalistas. Fato que também se observou no grupo controle, mas em menor proporção.

Assim, o telejornalista realiza uma leitura mais segmentada, mais pausada, em que as pausas têm uma importância na organização rítmica. Fato importante para correlacionar a fala à imagem a ser apresentada, prender a atenção e facilitar a compreensão do telespectador.

Verificou-se, no presente estudo, que a leitura de *off's* realizada pelos indivíduos do grupo controle difere-se das encontradas para o grupo estudado, o que nos mostra que os telejornalistas apresentam um estilo próprio de leitura de *off's*.

Este trabalho representa uma contribuição para a lingüística e para a fonoaudiologia no que se refere a alguns aspectos da organização temporal na locução de telejornalistas. Para a primeira, contribui-se para uma melhor compreensão da organização temporal da leitura de textos jornalísticos em indivíduos brasileiros. Já para a segunda, contribui-se para o trabalho com os telejornalistas de aperfeiçoamento da locução de textos noticiosos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, L. M. **Estudo da persuasão na fala do vendedor**. 2002. 133.f. Dissertação. (Mestrado em Lingüística). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2002.

BEHLAU, M; PONTES, P. **Avaliação e tratamento das disfonias**. São Paulo: Lovise, 1995, 312p.

BEHLAU, M. **Vozes preferidas: considerações sobre opções vocais nas profissões**. Fono Atual: Editora Pancast, ano 4, n 16, 2001.

BELHAU, M.; FEIJÓ, D.; MADAZIO G.; REDHER M. I.; AZEVEDO R. ; FERREIRA, A. E. Voz profissional: Aspectos gerais e atuação fonoaudiológica. In: BEHLAU, M. (org). **Voz: O livro do especialista**. Rio de Janeiro: Revinter, 2005, v.2, p. 319-321.

BOLINGER. D.L.M. **Intonation and its parts: melody in grammar and discourse**. London: Edward Arnold, 1986.

BORGES, M.S.D. **Estudo da leitura em voz alta em dois contextos telejornalísticos: a reportagem presencial e não-presencial**. 2008. 101f. Dissertação. (Mestrado em Lingüística). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2008.

CAGLIARI, L. C. Prosódia: Algumas funções dos supra-segmentos. In: **Caderno de Estudos Lingüísticos**. Campinas v.23, p.137-151, 1992.

CAGLIARI, L. C. A importância da Prosódia na descrição de fatos gramaticais. In: ILARI, R. **Gramática do português falado: níveis de análise lingüística**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp/FAPESP, 1993,v.2.

CAGLIARI, L. C. **Prosody and Literature**: A case study of chapter I from Women in Love by D. J. Lawrence. Oxford. Linacre and Centre for Brazilian studies, 2002. Texto não publicado.

CAMPIONE, E; VÉRONIS J. **A large-scale multilingual study of silent pause duration**. Speech prosody, France, n.11-13, p.199-202, apr.2002.

CAMPOS, P. C. **Introdução ao telejornalismo**. Unesp, 2003. Disponível em: <webmail.faac.unesp.br/~pcampos/Introducao%20ao%20Telejornalismo.htm> Acesso em 29/05/08.

CELESTE, L. C. *et al.* Organização temporal na leitura de crianças. In: CONGRESSO NACIONAL DE FONÉTICA E FONOLOGIA, 9, 2006, Belo Horizonte. III Congresso Internacional de Fonética e Fonologia, 2006, Belo Horizonte. **Caderno de Resumos do IX Congresso Nacional de Fonética e Fonologia / III Congresso Internacional de Fonética e Fonologia**. Belo Horizonte : Faculdade de Letras da UFMG, 2006. v. 1. p. 41-42.

CHACON, L; SCHULZ, G. Duração de pausas em conversas espontâneas de parkinsonianos. **Caderno de estudos lingüísticos**, Campinas, v. 39, p. 51-71, jul/dez 2000.

CLARK, J; YALOO, C. **An introduction to phonetics and phonology**. 2nd edition, Oxford: Blackwell,1995.

COTES, C. **O uso das pausas dos diferentes estilos de televisão**. São Paulo: CEFAC, v.19, n.2, p.228-37, 2007.

COUPER-KUHLEN, E. **An introduction to English prosody**. London: Edward Arnold, 1986.

CRUTTENDEN, A. **Intonation**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

CRYSTAL, D. **Prosodic systems and intonation in English**. Cambridge. The Cambridge University, 1969.

CURRIE, K L. **Intonation Systems in Scottish English**. 1979. 435 f. Tese (Doutorado), University of Edinburg, 1979.

DUEZ, D. **La pause dans la parole de l'homme politique**. Paris: CRNS, 1991.

DUEZ, D. Organisation temporelle de la parole et dysarthrie parkinsonienne. In: ÖZSANCAK, C.; AUZOU, P. **Les troubles de la parole et de la deglutition dans la maladie de Parkinson**, Marseille: Solal. 2005a. p. 195-213.

FANT, G; NORD L; KRUCKEMBERG, A. Segmental and prosodic variabilities in connected speech. In: INTERNATIONAL CONGRESS OF PHONETIC SCIENCES, 9, 1987. An applied data-bank study, v 6, p. 102-105 aug. 1-7, 1987.

FREITAS, M J. Contributo para o estudo dos padrões de estruturação temporal na fala no português europeu. In: **Estudos da prosódia**. Lisboa, 1992.

FROMKIN, V. A.; RATNER, N. B. Speech Production. In: GLEASON, J. B.; RATNER, N. B. Berstein (Eds). **Psycholinguistics**. 2. ed. Fort Worth: Hancourt Brace College Publishers, 1998. p.309-346.

GAMA, A.C.C. Caracterização do padrão de emissão espontânea e profissional no telejornalismo. In: KYRILLOS, L. R. (org). **Fonoaudiologia e telejornalismo: relatos de experiências na Rede Globo de televisão**. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.

GIMSON, A. C. **An Introduction to the pronunciation of English**. 2 ed, London: Edward Arnold, 1970. 320p.

GOLDMAN – EISLER, F. Psycholinguistics: experiments in spontaneous speech. London/ New York: Academic Press, 1968. In: YACOVENCO, L. C. **O fenômeno prosódico da pausa e a organização temporal do discurso**. 162 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 2000.

GONÇALVES, C.A.V. **Focalização no português do Brasil**. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 1997.

GROSJEAN, F.; COLLINS, M. Breathing, Pausing and Reading. **Phonetica**, Basel, v.36, p. 98-114, 1979.

GROSJEAN, F.; DESCHAMPS, A. Analyse des variables temporales du français spontané I. **Phonetica**, New York, v 6, p. 129-156, 1972.

GROSJEAN, F.; DESCHAMPS, A. Analyse des variables temporales du français spontané II: comparaison du Français oral dans la description avec l'anglais (description) et avec le Français (interview radiophonique). **Phonetica**, Basel, V.28, p. 191–226, 1973.

GROSJEAN, F.; DESCHAMPS, A. Analyse contrastive temporales de l'anglais et du français: vitesse de parole et variables composantes, phénomènes d'hésitation. **Phonetica**, Basel, 1975.

GUAÏTELLA, I.; LAVOIE, J.; TETREAUULT, H. Prosodie comparée dun dialogue spontané et de sa relecture: analyse de quelques faits. **Travaux de l'institute de Phonetique d'aix**. v. 16, p. 218-232, 1995.

HADAR, U; WENKERT – OLENIK, D; KRAUSS, R; SOROKER, N. Gestures in the processing of speech: neuropsychological evidence. **Brain and Language**, New York, v.62, p.107-126,1998.

HOWELL & KADI-HANIFI (1991). Comparison of prosodic properties between read and spontaneous speech material. *Speech communication*, v. 10, n. 2, p. 163-169. In: GERARD, C.; DAHAN, D. Durational variations in speech and didactic accent during reading. **Speech communication**. v.16, p. 293-311, 1995.

ILLES, J.; NESPOULOS; LECOURE. In: DAVIS, R.; LÉON, P. Pausologie et production linguistique. In: **Information Communication**. Toronto, v. 10, p. 31-41, 1989.

KENDON, A. **Gesture and Speech**: how they interact. In: WIEMANN, J.M.; HARRISON, P.; RANDALL, P. *Nonverbal Interactin*. Beverly Hills: Sage, p 13-43, 1983.

KYRILLOS, L. C. R . A comunicação na televisão: reflexões a partir do trabalho realizado com repórteres. In: FERREIRA, L. P; OLIVEIRA, I. B; QUINTEIRO, E. A; MORATO, E. M. (org). **Voz Profissional: o profissional da voz** . 2 ed. Carapicuíba: Pró-Fono, 1998.

KYRILLOS, L.R. (Org.). **Fonoaudiologia e Telejornalismo**: Relatos de Experiências na Rede Globo de Televisão. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.

KYRILLOS, L; COTES, C; FEIJÓ, D. **A fala. Voz e corpo na TV. A fonoaudiologia a serviço da comunicação**. São Paulo: Globo, 2003.

KYRILLOS, L C. R. Voz na mídia (televisão e Rádio). In: FERREIRA, L. P. ; BEFI-LOPES, D. M; LIMONGI, S. C. O. (orgs). **Tratado de fonoaudiologia**.São Paulo: Roca, p. 150-165, 2004,.

LAVIER, J. **Principles of Phonetics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.707 p.

LEHISTE, I. **Suprasegmentals**. Cambridge: The M.I.T. Press, 1970.194 p.

LOPES, V. Considerações sobre Tonicidade na Leitura Oral no Telejornalismo. In: FEIJÓ, D; KYRILLOS, L. (org). **Fonoaudiologia e Telejornalismo**. Baseado no II Encontro Nacional de Fonoaudiologia da Central Globo de Jornalismo. Rio de Janeiro: Revinter, 2004.

LUCCI. Etude phonétique du français contemporain à travers la variation situationnelle. Publication de l'Université des Langues et Lettres de Grenoble. (1983). In: GERARD, C.; DAHAN, D. Durational

variations in speech and didactic accent during reading. **Speech communication** v.16, p. 293-311, 1995.

MACIEL, P. **Jornalismo de Televisão**. Porto Alegre: Sagra – DC Luzzato, 1995.

MACLAY, H.; OSGOOD, C. E. Hesitation phenomena in spontaneous English speech. *Word*, v.5, p. 19-44, 1959. In: YACOVENCO, L. C. **O fenômeno prosódico da pausa e a organização temporal do discurso**. 2000.162 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 2000.

MADUREIRA, S. **O sentido do som**. 1992. Tese (Doutorado em Lingüística aplicada ao ensino das línguas). Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

MALÉCOT, A.; JOHNSTON, R.; KIZZIAR, P. A. Syllabic rate and utterance length in French. *Phonetica*. v .26, p. 235 – 251, 1972. In: VERRHOEVEN, J; PAUW, G. DE; KLOOTS, H. Speech rate in a pluricentric language: a comparasion between Dutch in Belgium and Netherlands. **Language and Speech.**, n.3, v.47, p. 297-308, 2004.

MARCUSCHI, L. A. Oralidade e escrita. **Signótica**, Goiânia, v. 9, p. 119-145, 1997.

MARTINS, M. H. **O que é leitura**. 19 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Primeiros Passos, 74).

MIGNARD, P; CAVE, C; LAGRUE, B; MEYNADIER, Y; VIALLET, F. Etudie instrumentale des pauses silencieuses chez les parkinsoniens en production orale spontanée et en lecture. **Revue de Neuropsychologie**, Marseille, v. 11, n. 1, p.39-63, 2001.

MISONO, Y; KIRITANI, S. **The distribution pattern of pauses in lectura-style speech**. ANN. Bull. RILP, Tokyo, n. 24, p. 101-111, 1990.

MITCHELL, S. A. The professional speaking voice. In: BENNINGER, M.S.; JACOBSON, B.H.; JOHNSON, A.F. **Vocal arts medicine – the care and prevention of professional voice disorders**. New York: Thieme Medical Publishers, 1994.

PASSOS, *et al.* **A velocidade como fator de variação lingüística**. Salvador: Instituto de Letras UFBA, manuscrito, 1979, *apud* MORAES, J. A; LEITE, Y;. Ritmo e velocidade de fala na estratégia do discurso:

uma proposta de trabalho. In ILARI, R. Gramática do português falado, v 2: níveis de análise lingüística. 2 ed. Campinas,SP: Editora Unicamp, p. 65-77, 1993.

PATERNOSTRO, V. I. **O texto na TV: Manual de telejornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PATERNOSTRO, V. I. **O texto na TV: Manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campos, 1999.

PETER, G. S. **Estilo de narração de telejornalistas esportivos**. In: TORRES, M.L. Intenção comunicativa do repórter de TV. In: GAMA, A. C. C.; KYRILLOS, L.; FEIJÓ, D. (org). Fonoaudiologia e telejornalismo. Relatos do IV Encontro Nacional de Telejornalismo da Central Globo de Jornalismo. Rio de Janeiro: Revinter, 2005.

PICKETT, J.M. **The acoustics of speech communication: fundamentals, speech perception theory, and technology**. USA: Allyn and Bacon, 1999. 404p.

PRETTI, D. A linguagem da TV: o impasse entre o falado e o escrito. In: NOVAES, A (org). **A rede imaginária**. São Paulo: Cia da Letras/ Secretaria Municipal de Cultura, p. 232-96, 1991.

REIS, C. Prosódia e telejornalismo. In: GAMA, A.C.C; KYRILLOS, L.; FEIJÓ, D (org). **Fonoaudiologia e telejornalismo**. Relatos do IV encontro nacional de Fonoaudiologia da central Globo de jornalismo. Rio de Janeiro: Revinter, 2005.

REIS, C.; GAMA, A. C. C.; CARDOSO, F.; TEIXEIRA, E. G.; PEREIRA, L. A. Organisation temporelle dans la parole chez des malades brésiliens atteints de la maladie de Parkinson. **Travaux Interdisciplinaires du Laboratoire Parole et Langage**, v. 26, p. 131-152, 2008.

RESENDE, G. J. **Telejornalismo no Brasil: Um perfil editorial**. São Paulo: Summus editorial, 2000.

SAMPAIO, W. **Jornalismo audiovisual: rádio, TV e cinema**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes LTDA, 1971.

SATALOFF, R. T.; SPIELGEL, J. R.; HAWKSHAW, M .J.; HEUER, R. J. Professional voice users: obtaining the history. In: BENNINGER, M.S.; JACOBSON, B.H.; JOHNSON, A.F. **Vocal arts medicine – the care and prevention of professional voice disorders**. New York: Thieme Medical Publishers, 1994.

SÓSTENES, G.P; SOUTO, M.A.C. Narração de um grupo de telejornalistas – análise pré e pós atuação fonoaudiológica. In: FEIJÓ, D; KYRILLOS, L (org). **Fonoaudiologia e telejornalismo** baseado no III encontro nacional de fonoaudiologia da CGJ. Rio de Janeiro: Revinter, p.127-151, 2004.

SOUZA, L. M. C.; NASCIMENTO, I.T.; TEIXEIRA, E.G.; SILVA, J.P.G.; CELESTE, L.C.; REIS, C. Descrição comparativa das pausas no rito: português x francês. In.: CONGRESSO INTERNACIONAL DE FONÉTICA E FONOLOGIA, 3, Belo Horizonte, 2006. **Anais**. Belo Horizonte, 2006.

SOUZA, L.M .C. 2007. 145f. **A prosódia no comando militar**. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2007.

STIER, M. A.; NETO, B. C. Oficina de narração. In: KYRILLOS, L. R. (org). **Fonoaudiologia e Telejornalismo**. Relatos de experiências na rede Globo de Televisão. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.

STIER, M. A.; NETO, B. C. Expressividade : Falar com Naturalidade e Técnica no Jornalismo de Televisão. In: KYRILLOS, L. R. (org). **Expressividade: da Teoria à Prática**. Rio de Janeiro: Revinter, 2005.

TEIXEIRA, E. G. **Organização temporal da leitura oral na doença de Parkinson**. 161 f. Dissertação. (Mestrado em Lingüística). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2008.

TORRES, M. L. Intenção comunicativa do repórter de TV. In: GAMA, A. C. C.; KYRILLOS, L.; FEIJÓ, D. (org). **Fonoaudiologia e telejornalismo**. Relatos do IV Encontro Nacional de Telejornalismo da Central Globo de Jornalismo. Rio de Janeiro: Revinter, 2005.

VALENTE, P. **Aspectos Prosódicos da Leitura Oral**. 2003, 143f . Dissertação. (Mestrado em Lingüística). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2003.

VALIM, M; COSTA,S; FIODERLISIO, R. **Anos 50. A história da televisão no Brasil**, 1998. Disponível em:< <http://www.tudosobretv.com.br/histortvbr.htm>>. Acesso em 29/05/08.

VERRHOEVEN, J; PAUW, G. DE; KLOOTS, H. Speech rate in a pluricentric language: a comparasion between Dutch in Belgium and Netherlands. **Language and Speech**. n.3, v. 47, p. 297-308, 2004.

XU, Y. Separation of functional components of tone and intonation from observed F0 patterns. In: FANT, G.; FUJISAKI, H.; CAO,J.; XU,Y. (eds), **From Traditional Phonology to Modern Processing**:

Festschrift for Professor Wu Zongji's 95 th Birthday. Beijing: Foreign Language Teaching and Research Press, p. 483-505, 2004.

YACOVENCO, L. C. **O fenômeno prosódico da pausa e a organização temporal do discurso**. 162 f. Tese. (Doutorado em Língua Portuguesa). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 2000.

YULE, G.; BROWN, G. Information structure. In: **Discourse analysis**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

WALLACE, C. **Reading**. Oxford: Oxford University Press, 1993, 161p.

ANEXOS

ANEXO 1 - DELIMITAÇÃO DA DURAÇÃO DAS PAUSAS / / E DURAÇÃO DE SEQÜÊNCIA SONORA [] EM SEGUNDOS.

Leigo 1

Off 1L a)

A polícia federal investiga a quadrilha há dois anos /0,313/ [2,977] Hoje divulgou a rota do tráfico que é internacional /0,624/ [2,999] A droga vinha da Venezuela e da Colômbia e entrava no Brasil /0,177/ [3,619] de acordo com os policiais /0,139/ [1,566] por Roraima. /0,567/ [0,664] Lá era escondida em carros e chegava a Manaus de onde seguia de balsa para Belém ou Porto Velho /0,355/ [5,739] e depois para o Sudeste [1,295]

Off 1L c)

Agora, /0,089/ [0,563] doze pessoas estão na carceragem da Polícia Federal de Minas /0,559/ [3,115] Entre elas, /0,051/ [0,845] seis homens presos em flagrante na semana passada em Três Marias. /0,484/ [3,789] Eles transportavam trinta quilos de cocaína escondida em garrafas 'pet' /0,400/ [3,983] no tanque de combustível de carros /0,198/ [1,914] que vinham de Roraima /0,685/ [1,060] Durante a operação /0,055/ [1,139] uma moto e quatro carros foram apreendidos /0,281/ [2,762] Os veículos teriam sido comprados /0,185/ [2,078] com o dinheiro da venda da cocaína, /0,265/ [1,820] ou seriam usados como pagamento da droga. /0,344/ [2,260] Em Contagem um hotel fazenda foi interditado [2,532]

Telejornalista 1

Off 1a)

A polícia federal investiga a quadrilha há dois anos /0,246/ [2,907] Hoje divulgou a rota do tráfico que é internacional /0,348/ [3,240] A droga vinha da Venezuela e da Colômbia e entrava no Brasil de acordo com os policiais por Roraima. /0,467/ [5,648] Lá era escondida em carros /0,196/ [1,655] e chegava a Manaus de onde seguia de balsa para Belém /0,104/ [3,417] ou Porto Velho /0,338/ [0,954] e depois para o Sudeste [1,548]

Off 1c)

Agora /0,088/ [0,476] doze pessoas estão na carceragem da Polícia Federal de Minas /0,092/ [3,425] Entre elas /0,112/ [0,769] seis homens presos em flagrante na semana passada em Três Marias /0,327/ [3,975] Eles transportavam trinta quilos de cocaína /0,075/ [3,008] escondida em garrafas 'pet' /0,274/ [1,569] no tanque de combustível de carros que vinham de Roraima./0,295/ [3,469] Durante a operação /0,090/ [1,143] uma moto e quatro carros foram apreendidos /0,318/ [2,716] Os veículos teriam sido comprados com o dinheiro da venda da cocaína, /0,134/ [3,493] ou seriam usados como pagamento da droga /0,355/ [2,590] Em Contagem /0,073/ [0,800] um hotel fazenda foi interditado [1,995]

ANEXO 2- TRANSCRIÇÃO COM A DELIMITAÇÃO DAS FRONTEIRAS SILÁBICAS E A CONTAGEM DO NÚMERO DE SÍLABAS EM ALGARISMOS ARÁBICOS.

Leigo 1

Off 1L a)

- a. po.li.cia fe. de. ral. in.ves.ti.ga a. qua.dri.lha. há. doi.s a.nos. 17
- ho.je. di.vul.gou. a. ro.ta. do. trá.fi.co. que é. in.ter.na.cio.nal. 18
- a. dro.ga. vi.nha. da. Ve.ne.zu.e.la. e. da. Co.lôm.bia. e en.tra.va. no. Bra.sil. 22
- de a.cor.do. com os. po.li.ci.ais. 8
- po.r Ro.rai.ma. 4
- Lá. e. ra es.con.di.da. em. ca.rros. e. che.ga.va a. Ma.naus. de on.de. Se.gui.a. de. bal.sa. pa.ra. Be.lém. ou. Por.to. Ve.lho. 32
- e. de.pois. pa.ra o. Su.des.te. 8

Off 1L c)

- A.go.ra. 3
- do.ze. pe.sso.a.s es.tão. na. car.ce.ra.gem.da. po.lí.cia. fe.de.ral.de. Mi.nas. 22
- En.tre e.las. 3
- Seis. Ho.mens. pre. so.s em. fla.gran.te. na. se.ma.na. pa.ssa.da. 16
- em. Três. Ma.ri.as. 5
- e.les. trans.por.ta.vam. trin.ta. qui.los. de. Co.ca.í.na. es.con.di.da em. ga.rra.fas. pe.t.24
- no. tan.que. de. com.bus.tí.vel. de. ca.rros. 11
- que. vi.nha. da. Ro.rai.ma. 7
- du.ran.te a o.pe.ra.ção. 6

- u.ma. mo.to. e. qua.tro. ca.rros. fo.ram a.preen.di.dos. 14
- os. ve.í.cu.los. te.r.am. si.do. com.pra.dos. 13
- com o .di.nhei.ro. da. ven.da. da. co.ca.í.na. 12
- ou. se.ri.am. u.sa.dos. co.mo. pa.ga.men.to. da. dro.ga. 16
- em. Con.ta.gem. um. ho.tel. fa.zen.da. foi in.ter.di.ta.do. 15

Telejornalista 1

Off 1a)

- A. po.lí.cia. fe.de.ral in.ves.ti.ga a. qua.dri.lha há. doi.s a.nos. 16
- Ho.je .di.vul.gou. a. ro.ta. do. trá.fi..co. que é in.ter.na.cio.nal. 17
- A. dro.ga. vi.nha. da. Ve.ne.zu.la. e. da. Co.lôm.bia. e en.tra.va. no. Bra.sil. de a.cor.do. com os. Po.li.ci.ais. po.r Ro.rai.ma. 33
- Lá. e.ra es.con.di.da em. ca.rros. 8
- e. che.ga.va a. Ma.naus. de on.de. se.gui.a. de. Bal.sa. pa.ra. Be.lem.18
- ou. Por.to. Ve.lho. 5
- e. de.pois. pa.ra o Su.des.te. 8

Off 1c)

- a.go.ra. 3
- do.ze. pe.ssoa.s es.tão. na. car.ce.ra.gem .da.po.lí.cia. fe.de.ral. de. Mi.nas. 21
- en.tre .e.las. 4
- sei.s ho.mens. pre.so.s em. fla.gran.te. na. se.ma.na. pa.ssa.da. em. Trêls. Ma.ri.as. 21
- e.les. trans.por.ta.vam. trin.ta. qui.los. de. co.ca.í.na. 15
- es.con.di.da em. ga.rra.fas. pe.t. 9

- no. tan.que. de. com.bus.tí.vel. de. ca.rros. que. vin.ham. de. Ro.rai.ma. 18
- du.ran.te a o.pe.ra.ção. 6
- u.ma. mo.to. e. qua.tro. ca.rros. fo.ram a.preen.di.dos. 14
- os. veí.cu.los. te.riam. si.do. com.pra.dos. com o. di.nhei.ro. da. ven.da. da. co.ca.í.na. 25
- ou. se.riam. u.sa.dos. co.mo. pa.ga.men.to. da. dro.ga. 16
- em. Con.ta.gem. 4
- um ho.tel. fa.zen.da. fo.i in..ter.di.ta.do. 11

ANEXO 3- CLASSIFICAÇÃO SINTÁTICA DAS PAUSAS

Leigo 6

Off 6 L a)

Desde o início do mês {2} uma liminar do ministério público eleitoral {1} impedia a diplomação de Juvenil Alves {3} A decisão foi tomada depois que o deputado federal {2} eleito pelo PT de Minas {2} foi acusado de comandar uma quadrilha {2} que abria empresas {1} em nome de laranjas {2} no Uruguai e na Espanha {2} enviando dinheiro para o exterior sem pagar impostos.

Off 6 L b)

E que por seis votos a zero {2} os juízes recusaram a prestação de contas do candidato {3} Segundo os auditores do T.R.E de Minas {2} foram comprovadas diversas irregularidades {1} como o uso de dinheiro na campanha {2} sem passar pela conta bancária do candidato.

Off 6 L c)

Agora {2} o processo será encaminhado {1} ao ministério público eleitoral {2} que de novo pode pedir à justiça {2} que seja suspensa a diplomação do candidato eleito {2} ou ainda {2} a impugnação do mandado depois da diplomação.

Telejornalista 6

Off 6 a)

Desde o início do mês {2} uma liminar do ministério público eleitoral {1} impedia a diplomação de Juvenil Alves {3} A decisão foi tomada depois que o deputado federal eleito pelo 'petê' de Minas {2} foi acusado de comandar uma quadrilha {2} que abria empresas em nome de laranjas no Uruguai e na Espanha {2} enviando dinheiro para o exterior {2} sem pagar impostos.

Off 6 b)

É que por seis votos a zero {2} os juízes recusaram a prestação de contas do candidato {3} Segundo os auditores do T.R.E de Minas {2} foram comprovadas diversas irregularidades {1} como o uso de dinheiro na campanha {2} sem passar pela conta bancária do candidato.

Off 6 c)

Agora {2} o processo será encaminhado ao ministério público eleitoral {2} que de novo pode pedir à justiça {2} que seja suspensa a diplomação do candidato eleito {2} ou ainda {2} a impugnação do mandato {1} depois da diplomação.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA OS REPÓRTERES.

Prezados Senhores,

Eu, Isabel Teixeira Nascimento, fonoaudióloga, portadora do registro no Conselho de Fonoaudiologia nº 4411-MG, convido os senhores a participar da pesquisa de dissertação de mestrado que vou realizar intitulada “*A organização temporal na locução de telejornalistas*”. Recebo a orientação dos professores César Augusto da Conceição Reis e Ana Cristina Cortes Gama.

Estou solicitando dos senhores a autorização para a gravação de *off* 's de notícias factuais narrados em situação real, ou seja, para ir ao ar, a ser realizada em cabine acústica na rede Globo de Televisão. Uma vez participante da pesquisa poderá entrar em contato com os pesquisadores pelos telefones (31) 8719-1615, (31) 3499-5152, bem como com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (COEP – UFMG) pelos telefones: (31) 3499-4592 ou (31) 3499-4027. Estaremos a disposição para quaisquer esclarecimentos também nos endereços: Av. Antônio Carlos, 6627, Unidade Administrativa II - 2º andar. (COEP), ou Faculdades de Letras – Laboratório da Fonética (LabFon), sala 4008- 4º andar. Campus Pampulha. CEP: 31270-901 – Belo Horizonte – MG.

Meu objetivo é estudar um aspecto da prosódia (responsável em estudar a pronúncia das palavras e frases), nomeado como organização temporal e assim, caracterizar a velocidade de fala e pausas da locução do repórter durante uma notícia. Com isso, busco conhecer as características e necessidades específicas dos repórteres de telejornais no desenvolvimento de sua atividade profissional, visto que é importante conhecer os diversos usos e recursos da comunicação a fim de auxiliá-los no aperfeiçoamento de sua locução, bem como quando apresentarem dificuldades de adequação prosódica na atuação profissional.

Sua participação é voluntária e você poderá retirar seu consentimento a qualquer momento, sem qualquer tipo de prejuízo na sua atividade profissional. Os resultados desta pesquisa terão apresentação e publicação futuras em eventos e artigos científicos.

Asseguro, também, que os nomes dos participantes não serão divulgados, assim como o nome da empresa em que trabalham.

Contando com sua autorização dos senhores peço que assinem este termo.

Atenciosamente

Isabel Teixeira Nascimento

Telejornalista

César Augusto da Conceição Reis

Ana Cristina Cortes Gama

Belo Horizonte, de de 2007.

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezados Senhores,

Eu, Isabel Teixeira Nascimento, fonoaudióloga, portadora do registro no Conselho de Fonoaudiologia nº 4411-MG, convido os senhores a participar da pesquisa de dissertação de mestrado que vou realizar intitulada “*A organização temporal na locução de telejornalistas*”. Recebo a orientação dos professores César Augusto da Conceição Reis e Ana Cristina Cortes Gama.

Estou solicitando dos senhores a autorização para a gravação de leituras de textos jornalísticos a ser realizada na cabine acústica do Laboratório de Fonética da Faculdade de Letras – UFMG. Uma vez participante da pesquisa poderá entrar em contato com os pesquisadores pelos telefones (31) 8719-1615, (31) 3499-5152, bem como com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (COEP – UFMG) pelos telefones: (31) 3499-4592 ou (31) 3499-4027. Estaremos à disposição para quaisquer esclarecimentos também nos endereços: Av. Antônio Carlos, 6627, Unidade Administrativa II - 2º andar. (COEP), ou Faculdades de Letras – Laboratório da Fonética (LabFon), sala 4008- 4º andar. Campus Pampulha. CEP: 31270-901 – Belo Horizonte – MG.

Meu objetivo é estudar um aspecto da prosódia (responsável em estudar a pronúncia das palavras e frases), nomeado como organização temporal e assim, caracterizar a velocidade de fala e pausas da locução do repórter durante uma notícia. Com isso, busco conhecer as características e necessidades específicas dos repórteres de telejornais no desenvolvimento de sua atividade profissional, visto que é importante conhecer os diversos usos e recursos da comunicação a fim de auxiliá-los no aperfeiçoamento de sua locução, bem como quando apresentarem dificuldades de adequação prosódica na atuação profissional. Para isso será necessário comparar a locução dos repórteres com a leitura dos mesmos textos por leitores não-telejornalistas.

Sua participação é voluntária e você poderá retirar seu consentimento a qualquer momento, sem qualquer tipo de prejuízo na sua atividade profissional e/ou acadêmica. Os resultados desta pesquisa serão a apresentação e publicação futura em eventos e artigos científicos.

Asseguro, também, que os nomes dos participantes não serão divulgados.

Contando com a autorização dos senhores peço que assinem este termo.

Atenciosamente

Isabel Teixeira Nascimento

Participante

César Augusto da Conceição Reis

Ana Cristina Cortes Gama

Belo Horizonte, de de 2007.

APÊNDICE C – MATERIAL DE GRAVAÇÃO**Off 1**

a) A polícia federal investiga a quadrilha há dois anos. Hoje divulgou a rota do tráfico que é internacional. A droga vinha da Venezuela e da Colômbia e entrava no Brasil, de acordo com os policiais, por Roraima. Lá era escondida em carros e chegava a Manaus de onde seguia de balsa para Belém ou Porto Velho e depois para o Sudeste.

b) Agora, doze pessoas estão na carceragem da Polícia Federal de Minas. Entre elas, seis homens presos em flagrante na semana passada em Três Marias. Eles transportavam trinta quilos de cocaína escondida em garrafas 'pet' no tanque de combustível de carros que vinham de Roraima. Durante a operação uma moto e quatro carros foram apreendidos. Os veículos teriam sido comprados com o dinheiro da venda da cocaína, ou seriam usados como pagamento da droga. Em Contagem, um hotel fazenda foi interditado.

Off 2

a) A sexta feira começou atravessada para quem tinha o anel rodoviário no caminho. O motorista da carreta disse que perdeu o controle da direção ao frear pra não bater no carro parado. O trânsito foi interrompido no trecho. As pedras que se soltaram da mureta atingiram o motociclista que foi levado para o hospital. Foi próximo ao bairro São Francisco.

c) Não houve feridos, mas os dois acidentes que ocorreram no sentido Vitória pararam o anel. Na pista principal, no acostamento.

e) Pra irmã, o carro virou sala de aula.

Off 3

a) (Estes cinco carros) foram apreendidos durante a madrugada em Contagem. Os veículos teriam sido comprados com o dinheiro da venda de cocaína ou seriam usados como pagamento da droga.

b) A ação da quadrilha vem sendo investigada há dois anos. Na semana passada seis suspeitos de participar do grupo foram detidos em Três Marias. Eles transportavam 30 kilos de cocaína em garrafas 'pet' escondidas no tanque de combustível de carro que vinha de Roraima. Segundo a Polícia Federal, pelo ao menos 36 integrantes da quadrilha já foram presos e outros suspeitos ainda estão foragidos.

Off 4

a) Uma imobiliária no bairro de Lourdes, um vigia assassinado durante o plantão. O corpo foi encontrado hoje de manhã pelo irmão, que também trabalha como vigia no local. Segundo o advogado da empresa, nada foi roubado.

b) Foi durante a tarde de ontem. Hoje, o cartaz anuncia o luto. Segundo testemunhas um homem entrou pela garagem e no escritório da padaria no Belvedere anunciou o assalto. Armado ele pegou dinheiro do cofre, ninguém reagiu, mesmo assim o gerente foi baleado e morreu. De acordo com este comerciante foram nove assaltos a padaria nos últimos nove meses.

Off 5

a) Foi realizada pelos policiais do departamento de investigação sobre crime organizado de São Paulo. Às seis da manhã eles prenderam Clélio Luiz da Silva Ferreira, na casa dele na zona sul da capital. Segundo a polícia ele seria sócio de uma grande rede atacadista do estado e teria ligação com a quadrilha.

b) Os policiais também cumpriram mandados de busca e apreensão em Contagem. Nesta transportadora foram apreendidos documentos. Neste Galpão, suspeito de ser um depósito de cargas roubadas, não havia ninguém.

Os policiais pularam o portão, mas não encontraram nada que ajudasse nas investigações. A ação da quadrilha foi acompanhada nos últimos três meses. Quarenta e duas cargas avaliadas em 40 milhões de reais teriam sido revendidas com notas fiscais frias. A operação também foi realizada em São Paulo e Espírito Santo. Na capital paulista, a polícia prendeu Vanderlei Rodrigues, apontado com responsável pela falsificação dos documentos.

Off 6

a) Desde o início do mês, uma liminar do ministério público eleitoral impedia a diplomação de Juvenil Alves. A decisão foi tomada depois que o deputado federal eleito pelo PT de Minas foi acusado de comandar uma quadrilha que abria empresas em nome de laranjas no Uruguai e na Espanha, enviando dinheiro para o exterior sem pagar impostos.

b) É que por seis votos a zero, os juízes recusaram a prestação de contas do candidato. Segundo os auditores do T.R.E de Minas foram comprovadas diversas irregularidades como o uso de dinheiro na campanha sem passar pela conta bancária do candidato.

c) Agora, o processo será encaminhado ao ministério público eleitoral que de novo pode pedir à justiça que seja suspensa a diplomação do candidato eleito, ou ainda a impugnação do mandato depois da diplomação.

Off 7

a) A operação começou de madrugada em treze cidades de Minas. A polícia fez buscas e prendeu suspeitos de participação numa quadrilha que teria usado notas fiscais falsificadas e selos ambientais comprados para transportar carvão retirado de mata nativa ilegalmente.

b) Nesta empresa foram apreendidos documentos, dólares e reais. Quatro siderúrgicas são investigadas por envolvimento no esquema. Mas as indústrias vão continuar funcionando sob administração judicial.

Off 8

a) Uma barragem de 25 metros de altura. Dentro, toneladas de rejeito de minério de ferro. E o desastre, tudo veio abaixo. Foi ontem no fim da tarde em São Sebastião das Águas Claras município de Nova Lima, região metropolitana de Belo Horizonte. A lama desceu 8 km de montanha. (barulho da água). Interditou estradas (barulho da água) Soterrou o caminhão deste motorista que quebrou o parabrisa e consegui escapar.

b) O único acesso, à pé, e em alguns pontos impossível. A onda de lama rompeu adutoras de água, levou pontes. A avaliação dos estragos, só de helicóptero. Mesmo assim, nem sinal das máquinas onde os operários estavam.